

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

CRISTIANE TEIXEIRA MENEZES

O DIACONATO PERMANENTE NA IGREJA CATÓLICA.

PODERES E HIERARQUIAS DE UMA INSTITUIÇÃO.

(1962/2010)

UBERLÂNDIA

2015

CRISTIANE TEIXEIRA MENEZES

**O DIACONATO PERMANENTE NA IGREJA CATÓLICA.
PODERES E HIERARQUIAS DE UMA INSTITUIÇÃO.
(1962/2010)**

Monografia apresentada ao
Instituto de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial
obrigatória para a obtenção do
título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof. Dra. Mara
Regina do Nascimento.

UBERLÂNDIA

2015

CRISTIANE TEIXEIRA MENEZES

O DIACONATO PERMANENTE NA IGREJA CATÓLICA.
PODERES E HIERARQUIAS DE UMA INSTITUIÇÃO.
(1962/2010)

Monografia apresentada ao
Instituto de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial
obrigatória para a obtenção do
título de Bacharel em História.

Monografia submetida à defesa em 15 de Julho de 2015, pela Banca Examinadora
constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dr. Mara Regina do Nascimento

Orientadora

Profa. Me. Adriana Simões Monteiro Maciel

Examinador

Prof. Me. Michel Angelo Abadio de Oliveira

Examinador

Uberlândia – 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo, aos meus pais Ademir e Eliana por serem tão especiais, atenciosos, amorosos. As minhas irmãs Dayane e Eliane por serem minhas melhores amigas. Ao meu namorado Samarone, por seu amor e companheirismo.

Aos meus familiares, as minhas tias, tios, primos e primas e amigos que estão sempre presentes e torcendo por mim. Agradeço também a todos os professores que me conduziram por esta trajetória, em especial à professora Mara Regina que teve muita paciência comigo, me orientou como eu esperava. Agradeço também a professora Regina Ilka que me auxiliou no projeto e por quem tenho respeito e admiração.

A minha turma 37° e aos amigos que fiz nela, Elidiane, Fabiano, Geane, Saulo, Jéssica, Artur, Bruno, Marcela, Vanessa, Ordalia, Paulo, Taísa entre muitos outros que percorreram juntos essa jornada.

Dedico este trabalho especialmente aos meus pais Ademir e Eliana com todo amor.

RESUMO

Este estudo procura retratar aspectos, características do diácono, sujeito da ordem diaconal que compõe a hierarquia da Igreja Católica, buscando em seus princípios, entender suas funções, sua importância e o porquê houve um desaparecimento desse ministério por séculos. Para isso precisamos refletir sobre a Igreja e suas mudanças ao longo do século XX, perpassando pelo Concílio do Vaticano II em 1962, período em que ordem foi restituída. Dessa forma tento mostrar como, através da permissão que possui ao sacramento do matrimônio, o diácono é um agente mediador entre Igreja e sociedade. Então procuro trazer a pesquisa para cidade de Uberlândia problematizando sobre a desvalorização do diaconato.

Palavras-chave: Diácono, Concílio do Vaticano II, Hierarquias.

SUMÁRIO

RESUMO-----	05
INTRODUÇÃO-----	07
CAPÍTULO I:	
Diaconato e sua função na Igreja Católica: normas e perspectivas-----	13
1.1- Instituição do diaconato no cristianismo-----	14
CAPÍTULO II:	
O Concílio Vaticano II, vida matrimonial e a diaconia em Uberlândia. -----	26
2.1- Diácono como agente intermediador entre igreja e sociedade -----	27
2.2- Pensando as estratégias da Igreja diante das mudanças do mundo para uma melhor relação com o fiel. -----	33
2.3- Entre as normas e a realidade: o diaconato permanente em Uberlândia -----	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	50
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS-----	52
ANEXOS-----	55
Relação de diáconos da diocese Uberlândia. -----	55
Relato do diácono Policarpo Rodrigues Filho sobre o começo do diaconato em Uberlândia. -----	58

INTRODUÇÃO

Na elaboração deste trabalho trago à reflexão e discussão as atribuições e os deveres do diaconato permanente presente na hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana, na contemporaneidade. O diaconato, um dos graus da ordem ministerial, se apresenta na hierarquia da igreja católica como: diaconato transitório e permanente. O diaconato transitório tem um período de duração de seis meses a um ano, em que o diácono aguarda o momento de sua ordenação sacerdotal, para se tornar um padre. Já o permanente é uma ordenação definitiva.

O significado da palavra diácono é “servo”, servidão esta com o intuito de evangelização e dedicação à comunidade, como as outras ordens ministeriais, presbíteros, episcopado, etc. Sua origem, segundo a igreja, está na bíblia (Atos 6,1-6). A instituição diaconal seguiu até o século V e então sofreu uma perda considerável de reconhecimento, poder e prestígio, o que fez o diaconato ser ignorado por muitos séculos.

Nesse sentido, buscarei realizar um estudo da temática (Diaconato Permanente), considerando o Concílio Vaticano II, seus aspectos religiosos e sociais que influenciaram e foram influenciados pela instituição Católica no período do século XX. Já que foi nessa assembleia de prelados católicos convocada pelo Papa João XXIII, em 1962, que foi determinado a restituição diaconal na Igreja Católica.

Pensando na Igreja como uma instituição com forte representação na sociedade, o tema se faz relevante à medida que suscita empreender uma análise crítica que possa trazer novas reflexões a partir do marco (Concílio do Vaticano II), que desencadeou mudanças importantes nas diretrizes da instituição para com seus fiéis e componentes. Como disse Francisco José, em seu texto "A Religião como objeto da História":

a História das Religiões analisa as religiões quanto a seus desenvolvimentos e mudanças históricas, interessando-se pelo estudo dos

fatos religiosos ocorridos no decurso de diferentes épocas históricas, nos mais diversos povos da terra e nas suas muitas manifestações ¹.

A proposta é analisar o diaconato permanente desde sua trajetória como parte da hierarquia da instituição católica, procurando discutir questões tais como: Por que surgiu o diaconato? Quem são os diáconos? Por que se perdeu com o tempo? Por que de sua retomada a partir do Concílio Vaticano II? O que representou o Concílio Vaticano II? Como são escolhidos os diáconos? Como são formados? Quais são suas funções? Como são “vistos” socialmente? Essas questões compõem a problemática que pretendo perseguir, tomando como plataforma de observação as leis da Igreja e a cidade de Uberlândia.

Essas questões foram pensadas com base na reflexão sobre o diácono, muitas vezes desconhecido socialmente, por ser um sujeito geralmente simples, “do povo”, mas, interessante de se pensar, por dividir-se entre a vida familiar, doméstica, profissional, e também fazer parte do clero. Essa peculiaridade o torna único dentre os integrantes da hierarquia da Igreja Católica.

A discussão a respeito das condições de produção e difusão do conhecimento histórico é sempre um “trabalho” árduo e intenso. As problemáticas teóricas e metodológicas que giram em torno da “pesquisa em história” em dois sentidos, seja como exercício ou produto, estão em sua maioria carregadas de controvérsias, incertezas, assim como qualquer outro verdadeiro e evidente problema, como estou constatando mediante a pesquisa. Segundo Thompson:

“O conhecimento histórico é, pela sua natureza, (a) provisório e incompleto (mas não, por isso inverídico). (b) seletivo (mas, não por isso, inverídico). (c) limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência (e os conceitos que informam essas perguntas), e, portanto, só “verdadeiro” dentro do campo assim definido” ².

¹ GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da história. In: LIMA, L. L.; CIRIBELLI, M. ; HONORATO, C. T.; SILVA, F.TC.T. História & Religião. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p.13

² THOMPSON, Eduard. A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensador de Althusser. 1981.p.49.

Devido a uma “liberdade” se assim posso dizer que existe diante da história em um sentido de diversidade de modos de escrita, métodos, temas, fontes, documentos, além das possíveis conclusões, a pesquisa em história se tornou em muitos campos de difícil compreensão, o que temos que ter em mente é que a história tem uma racionalidade legítima útil, além de autêntica, como vemos Thompson:

“Há dificuldades bem conhecidas, tanto na explicação do processo histórico como na verificação de qualquer explicação. A “história” em si é o único laboratório possível de experimentação, e nosso único equipamento experimental é a lógica histórica”.³

Segundo Thompson, a ciência histórica não é uma ciência que pode ser verificada em um laboratório, a história apesar de necessitar de muita análise em sua “construção” como produto não tem uma lógica analítica. A partir dessa provocação do autor o que vemos é que a história está em movimento, não é estática, sendo assim está respondido para nós a questão referente à negativa da teoria analítica, simples e puramente devido ao fato de a própria história necessitar de uma teoria que se adapte a diferentes formas de fatos, transições, contradições, particularidades, etc.

Marcos A. da Silva⁴ nos mostra que é antiga a polêmica que se considera ou espera-se ser história tudo aquilo que se referia aos homens, vê-se também em Thompson que o fato é o resultado da prática dos homens, e que “tudo é prática”, pois toda prática é um fenômeno social. Com essas informações vamos refletir sobre o espaço do historiador no campo e na pesquisa histórica, visando que as evidências são registros de fatos, no entanto concretos, o que se espera do historiador é um trabalho objetivo sem atribuição de significados, porém o “conhecimento objetivo”, até mesmo as próprias informações estão carregados de subjetividade. Deve-se ter o cuidado com a escrita, mas o posicionamento é inevitável, devido ao fato de não haver neutralidade em uma análise crítica.

³ THOMPSON, Eduard. Op. Cit. 1981 p. 58

O estudo, a pesquisa em história que não deixa de ser supervisionado se deve incorporar aspectos políticos, econômicos, culturais, sociais, não especificamente, mas na totalidade do estudo. É preciso compreender as relações conhecendo fragmentos do passado partindo do presente, mesmo que saibamos que o passado nunca vai ser conhecido como foi vivido, o que vamos ter são apenas esboços do que já se foi. Já diziam as autoras Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Maria Aun Khoury em A pesquisa em história:

“Essas noções de totalidade, de cultura, nos levam a situar a história como um campo de possibilidades”⁵.

As fontes e bibliografias utilizadas no trabalho nos proporcionam várias possibilidades em relação ao desenvolvimento da pesquisa. Como fontes principais tive documentos da própria Igreja como: compêndio do Vaticano II, normas para formação diaconal, encíclicas e um relato de um diácono a respeito do início do diaconato em Uberlândia.

E assim cabe, nesse momento, dizer que as fontes vistas como fatos, saberes memorizados são carregadas de interpretações de pessoas de um dado tempo, e assim podemos ter a certeza que o “puro fato”, a “neutralidade” não são possíveis, como disse Marcos A. Da Silva:

“... não há fatos originários; interpretar aqueles que são assim supostos é fazer interpretação de interpretações; pensar que nada se interpreta quando se pretende recuperar puros fatos é repor sua interpretação “inaugural”, que lhe garantiu a sobrevivência como memória.”

As fontes e bibliografias que serão utilizadas na tentativa de resgatar uma memória nessa pesquisa são carregadas de tais “interpretações inaugurais”, principalmente pelas fontes produzidas por membros da própria igreja católica,

⁴ SILVA, Marcos A. da. O trabalho da linguagem. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 6, n. 45 - 61 set. 1985. 1985/fev. 1986.

⁵ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. A Pesquisa em História. São Paulo. Ed: Ática, 1991. p. 11.

nesse sentido espero através da problematização, das indagações conseguir transpor da melhor maneira a intencionalidade esperada por uma análise crítica.

“Nessa prática, progressivamente, o ponto de partida da investigação passa do documento para o problema.”⁶

Pensando na problemática, tentarei direcionar uma reflexão sobre a solicitude da restituição do diaconato, pensando, principalmente: quais são suas funções como diácono? Quais são exercidas? Qual sua importância para Igreja? Tentando articular, analisar criticamente os documentos e bibliografias.

O objetivo geral de realizar essa pesquisa é examinar a percepção da imagem do sujeito diácono com suas funções específicas segundo a Igreja, mas também socialmente reconhecido para além das normas e das regras definidas por ela. Tentando, dessa maneira, problematizar sua presença no social, incorporado na comunidade, nas relações com o significado que assume para com a Igreja. A partir deste objetivo, faz-se necessário caracterizar o diácono, bem como sua história; avaliando, na medida do possível, sua trajetória como parte da ordem dentro da Igreja católica.

No recorte temporal, a análise concentra-se no período dos anos de 1962 a 2010. Em 1962, como já foi dito acima, foi restaurado o diaconato na Igreja Católica, assim, um dos intuitos do trabalho é tentar analisar o porquê da retomada do diácono naquele período. O ano de 2010 foi escolhido, por ser este o ano da última ordenação de diáconos realizada em Uberlândia pelo atual bispo Dom Paulo Francisco Machado. No recorte espacial, me restrinjo aos limites de Uberlândia, por ser a sede, denominada “Cúria Diocesana”, da diocese composta pelas cidades de Araguari, Cascalho Rico, Estrela Do Sul, Indianópolis, Monte Alegre, Tupaciguara, Araporã e Grupiara.

A monografia será dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, pretendo discutir sobre o surgimento do diaconato, quem são os diáconos, quais são características, suas funções, etc.

O segundo capítulo dividido em três subtítulos, concentrar-se-á primeiro na análise do Concílio do Vaticano II, dizendo o que foi e como se deu, tentando, dessa forma, desenvolver uma ideia do porquê houve a retomada do diaconato nesse momento, e *toda vez que nos perguntamos pelo “por quê” das coisas, também estamos nos indagando a respeito de suas causas*⁷. Em um segundo momento, a pesquisa é voltada para a questão do matrimônio, tentando mostrar a importância desse sacramento para a Igreja Católica e como fato do diácono permanente ter acesso a esse sacramento o aproxima mais dos leigos em relação aos ordenados celibatários.

E, para fechar o trabalho, trato sobre o diaconato na cidade de Uberlândia, discuto essa trajetória através de um relato do primeiro diácono vigente em Uberlândia. Neste subtítulo, busco, também, problematizar sobre a importância do diácono.

⁶ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. Op. Cit. 1991. P.15.

⁷ MATA, Sérgio da. História e religião. Belo Horizontete, Autêntica, 2010,p.75

CAPÍTULO I

Diaconato e sua função na Igreja Católica: normas e perspectivas

1. Instituição do diaconato no cristianismo

Inicialmente é necessário fazer um apanhado sobre o diaconato, procurando entender seus principais aspectos e características, desta maneira, procuro descrever como se dá o diaconato e como sua função é desenvolvida.

Com apoio teórico de Mircea Eliade, procuro entender sobre como proceder na pesquisa, e com colaboração dos documentos referentes à Igreja e especificadamente ao diaconato, usados como fonte, pode-se dizer que os diáconos são membros integrantes e inferiores em grau da hierarquia do sacramento da ordem Católica, composta pelos ministérios ditos ordenados: episcopado (bispos), presbiterado (padres) e diaconato (diáconos), todos os ministérios dispostos a servir a Igreja e seus membros. Nessa perspectiva como lembra Eliade “o objetivo último do historiador das religiões é compreender, e tornar compreensível aos outros, o comportamento do homo religiosus e seu universo mental”⁸.

Por conseguinte, para que possamos entender os processos que cercam o diaconato na Igreja Católica na atualidade, faz-se necessário compreendermos o contexto de sua fundação, no início do cristianismo, na tentativa de elencar mudanças e permanências da sua condição e representação. Trata-se de verificarmos quais transformações ocorreram para que tal função fosse colocada em “segundo plano” dentro da Igreja Católica.

A função do diaconato exercida na Igreja Católica nos dias atuais foi pensada a partir das necessidades do nosso tempo, uma vez que, no início do cristianismo, este mesmo papel dentro da comunidade cristã já havia sido conquistado para atender às necessidades da comunidade em seu tempo. Diante disso, levanto algumas questões para serem pensadas ao longo do trabalho: como a importância do diaconato dentro da Igreja católica tem sido abordada? E como essa função é diferenciada do presbiterado?

⁸ ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo, Martins Fontes, 1992. p.133

A instituição dessa função dentro do cristianismo nos traz à luz sua importância social, que deve ser entendida dentro de um contexto que precisa ser minuciosamente investigado. Para isso, contamos com um documento muito antigo, e que já passou por várias traduções, mas dentro do que é proposto aqui, a Sagrada Escritura tem contribuído bastante para compreendermos o contexto da instituição do diaconato.

Na carta dos Atos dos Apóstolos, no capítulo 6 versículos de 1 a 6, temos a primeira manifestação que nos aponta para a criação do diaconato.

“Naqueles dias, o número dos discípulos tinha aumentado, e os fiéis de origem grega começaram a queixar-se contra os fiéis de origem hebraica. Os de origem grega diziam que suas viúvas eram deixadas de lado no atendimento diário. Então os Doze convocaram uma assembleia geral dos discípulos, e disseram: “Não está certo que nós deixemos a pregação da palavra de Deus para servir às mesas. Irmãos, é melhor que escolham entre vocês sete homens de boa fama, repletos de Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos dessa tarefa. Desse modo, nós poderemos dedicar-nos inteiramente à oração e ao serviço da palavra” A proposta agradou a toda a assembleia. Então escolheram Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo; e também Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas, e Nicolau de Antioquia, um pagão que seguia a religião dos judeus. Todos estes foram apresentados aos apóstolos, que oraram e impuseram as mãos sobre eles.”

Partindo desta informação, podemos dizer que o projeto do cristianismo de agregar mais seguidores à comunidade tem sido destaque para os que estão à frente, tornando-se um problema para estes, pois as reclamações estão pautadas na condição de vida das viúvas. Mas o que as viúvas têm a ver com o projeto de criação do diaconato?

Neste ínterim, para os *“Apóstolos não é razoável que abandonemos a palavra de Deus para administrar”⁹*, assim a administração dos recursos adquiridos pela comunidade e sua distribuição ficariam a cargo dos diáconos eleitos. Para tanto, foram escolhidos sete homens de boa reputação e cheios do Espírito Santo. Os sete homens (diáconos) surgem através de um conflito de organização interna na Igreja, através da necessidade de pessoas dispostas a

atender e servir a Igreja com seus deveres em prol dos necessitados que nesse caso eram algumas viúvas. Sendo assim, enquanto os apóstolos realizavam suas funções de pregadores, os diáconos administravam os bens da comunidade associando a um projeto de evangelização.

Neste sentido, faz-se necessário entendermos que o projeto do cristianismo segundo Jesus Cristo era *amai-vos uns aos outros com eu vos amo*¹⁰. Desta maneira, este tem todo peso neste momento, uma vez que tudo que a comunidade conseguia era repartido entre todos os participantes. Com isso, a partir deste ponto, percebemos que começa a surgir a principal função do diácono dentro do cristianismo.

A doutrina tradicional da Igreja sempre definiu que os diáconos recebem o sacramento da ordem "não para o sacerdócio, mas para o serviço". Por isso, enquanto o bispo e o presbítero, agem "*in persona Christi Capitis*" (na pessoa de Cristo Cabeça), o diácono é configurado com Cristo servo dos servos de todos e age, portanto, *in persona Christi Servitoris*.¹¹

Este serviço, que parece ser simples e fundamental, permaneceu dentro do cristianismo até o século V, como citado acima. Pois, desde o século V, houve uma perda significativa da função diaconal que foi retomada somente no ano de 1962 com o Concílio Vaticano II. A primeira aparição do diácono, como já mencionado, é constatada na Bíblia por uma necessidade concreta de homens dentro da comunidade que possam servir aos próprios membros, fazendo estabelecer o ministério diaconal.

Depois de ser constado na Bíblia, segundo as normas fundamentais, o diaconato é *"florescente na Igreja do Ocidente, até o século V; depois, por várias*

⁹ Atos após. Cap. 6 ver 2

¹⁰ João cap. 15 ver. 12

¹¹ O MINISTÉRIO DIACONAL. Extraído do site www.gaudiumpress.org/content/12250-Artigo--O-diacono-na-Igreja-Catolica, disponível em 10/02/2015.

razões, ela conheceu um lento declínio, acabando por permanecer só como etapa intermédia para os candidatos à ordenação sacerdotal”¹².

No que se refere a essa perda do diaconato, as fontes são bem vagas e dispersas ao lidar com o assunto, não há constatações sobre as causas, o que é difícil de entender devido à forma como o sujeito é valorizado teoricamente, e desvalorizado na prática. O tempo perdido, o fato de não ser reconhecido socialmente, ser visto como um “padre casado”, isso nos indica uma falha de comunicação, de apresentação por parte da Igreja Católica.

O quase total desaparecimento do diaconato permanente na Igreja do Ocidente durante mais de um milênio tornou certamente mais difícil a compreensão da realidade profunda deste ministério. Porém, nem por isso se pode dizer que a teologia do diaconato não tenha pontos de referência autorizados e que esteja completamente à mercê das diferentes opiniões teológicas.¹³

Esse trecho nos traz uma afirmação da Igreja acerca de como o desaparecimento do diaconato dificultou o estudo sobre seu ministério, o que concordo, porém logo em seguida ela faz uma imposição sobre como opinar sobre um fato que pode ser compreendido e interpretado de diversas maneiras por qualquer leitor. Isso nos faz refletir sobre uma Igreja que se compreende como detentora de uma verdade absoluta, desconsiderando as inúmeras reflexões existentes sobre ela. Esse fato nos faz questionarmos mais sobre o porquê do desaparecimento de notícias ou formas de atuação desse sujeito dentro da Igreja.

O padre Valter Mauricio Goedert escritor de um estudo sobre o diaconato permanente, faz referência sobre essa perda:

A partir do século IV começa o declínio do diaconato, para o que contribuem muitas causas. Aos poucos, os diáconos se prevalecem de seu prestígio e de sua posição privilegiada e abandonam os serviços mais simples, mais humildes, cedendo a uma tendência elitizante. Aproveitam-se do cargo de

¹² CONGRAGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes-Diretório do Ministério e da vida dos Diáconos Permanentes. Coordenação geral de Ivani Pulga, SP: Paulinas, 1998, p.16.

¹³ CONGRAGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes. Op. Cit. 1998, p.26.

administradores dos bens da Igreja, polemizando com os presbíteros. Evidentemente há os que não caem nesses abusos¹⁴.

Essa passagem nos revela alguns problemas existentes nas relações existentes entre diáconos e padres dentro das Igrejas. Será esse o grande problema que levou a perda de um ministério tão importante? Desavenças entre membros da Igreja? Quem polemizava com quem, os diáconos com os padres ou o contrário?

Usando como fonte o Compêndio do Vaticano II (1969), que é a documentação escrita do concílio, e as “Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes” (1998), que foram produzidos por congregações para orientar a formação dos diáconos pude ver o que a Igreja diz sobre o ressurgimento do diaconato. As fontes foram imprescindíveis para o trabalho, contribuíram para reflexões e questionamentos acerca do tema.

No Vaticano II, o diaconato é retomado quando ressurge na Igreja Católica como uma solicitação do Concílio. Porém, as integrações dos diáconos nas dioceses dependem inteiramente do pedido de cada bispo de cada lugar, partindo da sua busca, “aceitação” sobre o ministério.

Mas como estes ofícios, muito necessários para a vida da igreja, não podem ser cumpridos na disciplina da Igreja latina hoje vigente senão com muita dificuldade, o Diaconato futuramente poderá ser restaurado como um grau próprio e permanente da hierarquia. Cabe às várias espécies de competentes grupos territoriais de Bispos, com a aprovação do Sumo Pontífice decidir se e onde é oportuno instituir tal tipo de Diaconato para o bem das almas. Com o consentimento do Romano Pontífice este Diaconato pode ser conferido a homens de idade mais madura, mesmo casados, ou moços idôneos, para os quais, porém, deve continuar firme a lei do celibato.¹⁵

Nessa passagem, podemos enxergar claramente que a Igreja, na época do concílio, passava por momentos difíceis de renovação e integração de

¹⁴ GOEDERT, Valter Mauricio. O Diaconato Permanente: perspectivas teológico-pastorais. São Paulo: Paulus, 2005. p.19-20.

¹⁵ VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações. Coordenação geral de Frei Frederico Vier, O.F. M. 29ªed. RJ: Editora Vozes, 1969, p.76.

perspectivas abrangentes com relação a novas abordagens, como por exemplo, sua visão de ecumenismo amplificada e destacada a partir do Vaticano II e a própria retomada do diaconato. Mas, para isso, precisaria acontecer também um processo complicado de inserção dessas novas concepções, que passa pela dificuldade de recepcionar e aceitar o novo, até então dito diferente.

Uma vez que sua existência era relevante para o bom andamento da comunidade, o que levou a negligência do diaconato no cristianismo neste período?

Primeiro, precisamos pensar na função destes homens, assim como já mencionamos, eles, além da prática da evangelização, exerciam a prática da administração. Se associarmos este período com uma mudança significativa do cristianismo que foi a liberdade que Constantino concedeu ao cristianismo na sua prática e cultos a Deus em Roma, principalmente com a doação de títulos de honra aos bispos, vê-se, que desta maneira, a Igreja promoveu um novo contexto de suas estruturas, entrando desse modo na Idade Média, período da História que teve início aproximadamente no ano 476 depois de Cristo.

Se pensarmos por este viés, entendemos que tornar-se Católico pressupõe compor uma nova dimensão dentro de um contexto muito diferente de início do cristianismo, aquele no qual fora pensado o diaconato. Se a função de administrar os bens era de responsabilidade desta camada dentro da hierarquia, dar-se-á lugar a uma nova percepção social e religiosa para essa nova classe.

A diaconia, na Igreja Católica, tem como significado o serviço. Segundo o documento do Vaticano II, a diaconia ou o ministério são os nomes dados à missão delegada por Deus às pessoas que, como pastores, perpetuarão sua caminhada de evangelização rumo à salvação. É importante ressaltar que *“todo ministério é serviço, mas nem todo serviço na Igreja é ministério”*¹⁶, isso pelo fato

¹⁶ MIRANDA, D. Antônio Afonso, O que preciso saber sobre o sacramento da ordem. SP. Santuário, 1987, p.14

de que existem leigos que também participam servindo a Igreja e seus membros sem a condição de ordenados.

Para se tornar diácono, é necessária uma formação intensificada, diferenciada dos ministros ordenados, e para admitir um candidato à ordem do diaconato é preciso que Igreja verifique que tenha sido atingida a maturidade afetiva do candidato ao sacerdócio. Segundo o documento da CNBB *“é necessário que o candidato conheça bem a natureza e as exigências do diaconato, a fim de abraçá-lo fielmente, com a entrega total do seu ser.”*¹⁷. O que caracteriza o diaconato é a tríplice múnus: a palavra, a liturgia e a caridade, desta maneira o candidato precisa estar envolvido com as pastorais sociais na comunidade eclesial.

As primeiras orientações e regras para o diaconato permanente na Igreja Católica latina segundo as normas fundamentais foram dadas na carta “Sacrum diaconatus ordinem”, em 18 de junho de 1967, pelo papa Paulo VI. Prescreve, em seu capítulo II, que os candidatos a diácono sejam acolhidos para serem “colocados à prova”, para que possam “viver uma vida verdadeiramente evangélica e preparado a realizar com utilidade suas funções específicas”. Diz também sobre sua formação, que deve ser progressiva, sobre um “crédito de preparação intelectual” em um sentido de já ser familiarizado com a doutrina da Igreja, diz sobre uma preparação específica para serviços diversos.

...referentes ao ensino dos elementos da religião cristã as crianças e aos outros fiéis, a direção e a divulgação do canto sagrado, a leitura dos livros divinos da Escritura nas assembleias dos fiéis, a pregação e exortação ao povo, a administração dos sacramentos eu competem aos diácono, a visita aos doentes e, em geral, a realização dos serviços que a estes podem ser confiados¹⁸.

¹⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília, Edições CNBB. 2010. Documento nº- 93, pg.102.

¹⁸ PAULO VI. Carta ap. Sacrum diaconatus ordinem.1967.

Em 16 de julho de 1969, essas orientações voltam a ser prescritas na Carta Circular da Sagrada Congregação para a Educação Católica, desta vez falavam sobre os tipos de formação para os diáconos casados e para os celibatários. Além de direcionar alguns conteúdos para os cursos dos candidatos como: Estudo da sagrada escritura, da moral, do dogma, do direito canônico, da liturgia. Segundo as normas, a formação doutrinal deve ser superior a de um catequista e comparável à de um sacerdote.

Em 1968, com a constituição apostólica, *Pontificalis romani recognitio*, foi consentido o novo rito de ordenação para as ordens episcopado, presbiterado, diaconato explicitando sobre a matéria e as ordenações. Em 15 de agosto de 1972, a carta *Ad pascendum* expos as circunstâncias para admissão dos candidatos a diáconos e a ordenação. Esses documentos foram integrados, em partes, às normas do Código de Direito Canônico, promulgado pelo papa João Paulo II em 25 de janeiro de 1983¹⁹.

Como já foi dito o diaconato surge como uma carência da própria Igreja, em cada comunidade. Segundo o Vaticano II, o diaconato retorna onde é conveniente.

Onde parece oportuno às Conferências Episcopais, restaura-se a ordem do diaconato como estado permanente de vida, a teor da Constituição *De Ecclesia*. Os que desempenharem uma função verdadeiramente diaconal – ou como catequistas pregando a palavra divina, ou em nome do bispo e pároco dirigindo longínquas comunidades cristãs, ou praticando a caridade nas obras de assistência social – será útil corroborá-los e ligá-los mais intimamente ao altar pela imposição das mãos, tradição que nos vem desde os Apóstolos. Destarte desempenharão mais eficazmente o seu ministério, mediante a graça sacramental do diaconato²⁰.

¹⁹ CONGRAGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes. Op. Cit. 1998, p.17.

²⁰ VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações. Op. Cit. 1969.p.373

Diferente de outras ordens, o diaconato não é necessariamente obrigatório nas dioceses, nas comunidades, segundo o decreto do Vaticano II, ele é um ministério ratificado de acordo com as necessidades de cada região que são identificadas pelos bispos. Mas, como diz o bispo D. Antônio Afonso de Miranda, em seu livro sobre ordem dentro da Igreja Católica, *“O sacramento da Ordem, que estamos buscando conhecer, só se entende dentro do mistério e da instituição da Igreja”* ²¹. Mesmo que sua escrita não seja específica para a ordem diaconal, é uma forma de tentar limar perguntas como: o porquê dessa característica estar presente apenas neste grau da ordem. A inferioridade dita hierárquica é vista pela Igreja apenas no grau, ou também na essência?

Segundo as “Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes”, criada quase 30 anos depois das primeiras orientações, esse servo é chamado ao ministério diaconal para a vida litúrgica, pastoral, obras sociais e caritativas.

A imposição das mãos mencionada anteriormente é a matéria da ordenação diaconal, que é quando o bispo estende as mãos sobre os candidatos ao diaconato e faz a oração de ordenação, os tornando diáconos. Seguindo as três fases, a anamnese, epiclese e intercessão, que consiste no processo de evocar a memória da salvação de Cristo, para então invocar os dons do Espírito Santo para que os diáconos sigam os passos de Cristo e a intercessão que estimula os diáconos a viverem uma vida generosa e casta.

A vida do diácono segundo a Igreja é baseia-se nos passos de Cristo, seja dentro ou fora da Igreja, o diácono deve servir como Cristo serviu a todos. Como podemos ver no artigo de Paulo Antônio e Márcio Luiz sobre o diaconato permanente.

O diácono permanente, como consagrado aos mistérios de Cristo e da Igreja, deve sempre se esforçar para ser agradável a Deus, na prática da vida litúrgica, do amor, da oração e do serviço divino,

²¹ MIRANDA, D. Antônio Afonso, O que preciso saber sobre o sacramento da ordem. Op. Cit.1987, p.11.

bem como no exercício da obediência, da caridade e da castidade²².

De acordo com a constituição dogmática “Lumen Gentium”, o diácono, sendo um fiel servo, tem também como papel uma diversidade de funções no rito seguido durante o culto regido na Igreja.

Conforme lhe for marcado pela autoridade competente, o diácono deve administrar solenemente o batismo, conservar e distribuir a Eucaristia, assistir e abençoar o matrimônio em nome da Igreja, levar o Viático aos moribundos, ler a Escritura aos fiéis, instruir e exortar o povo, presidir o culto e às orações dos fiéis, administrar os sacramentais, officiar exéquias e enterros.²³

Tendo em vista que o papel do diácono é todo esse rol de funções citadas e reforçadas de acordo com o tempo nas cartas, nas normas, enfim nos documentos da Igreja, crê-se que seus serviços, além de diversos, são importantes para o desenvolvimento da Igreja, tendo em vista que um único pároco não consegue cumprir com todas as funções (pastorais, litúrgicas, sociais e caritativas) dentro e fora da Igreja.

Sua missão é a de ser “interprete das necessidades e dos desejos das comunidades cristãs” e “animador do serviço, ou seja, da diaconia”, que é parte essencial da missão da Igreja.²⁴

A intenção do diácono, na Igreja contemporânea, é de ser um agente mediador que faz a ligação entre o sagrado e o mundano, que possa propiciar às pessoas se enxergarem como parte da Igreja. As características do diaconato, principalmente no que se refere ao matrimônio, provocam uma aproximação significativa dos leigos que, muitas vezes, consideram os religiosos celibatários distantes, “puros”, diferentes do resto da sociedade. Diante disso, é possível perceber a importância do diácono, sendo aquele próximo aos chamados leigos, ou seja, a comunidade, pois, diferentemente dos presbíteros, eles são titulados a

²² FREIRE, Paulo Antônio; FERNANDES, Márcio Luz. Missão e Espiritualidade do Diácono Permanente. Caderno Teológico Da PUCPR, Curitiba, v.1, n.1, 2013.p.274.

²³ VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações. Op. Cit. 1969. p.76.

²⁴ CONGRAGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes. Op. Cit. 1998, p. 28.

constituir uma família, a qual a comunidade tem como “exemplo” de uma família bem estruturada e religiosa.

No livro “Curso Básico de História da Igreja”, do teólogo Roland Frohlich, podemos encontrar uma série de elementos e diferentes contextos que contribuíram para que o século XIX e início do XX fosse caracterizado por um período de muitas transformações, que modificaram a sociedade da época e a história da Igreja. E, como disse Sérgio da Mata, “*o historiador da religião não está no direito de dar as costas ao que escrevem os teólogos....O diálogo entre história das religiões e teologia é importante e necessário, como já havia percebido Max Weber*”²⁵. O que temos que ter em mente é que:

Para o historiador das religiões a teologia continua a ter importância apenas na medida em que lhe permite conhecer o discurso (às vezes um discurso extremamente sofisticado) que a religião elabora sobre si mesma²⁶.

A industrialização e suas diversas consequências, o avanço tecnológico, o capitalismo, a contrarreforma, Revolução Francesa, seja na política, na cultura, na economia, nos costumes, na religião, etc., a modernidade foi se desenvolvendo e modificando a vida e as mentalidades das pessoas. E com isso, a Igreja viu a necessidade de buscar os fiéis, tendo como fundamento sua doutrina. Pensando a partir disso, reuniu seus principais líderes para elaborar as medidas necessárias para a consumação do Concílio Vaticano II, que ocorreu em 1962 e que promulgou o retorno da função do diaconato na Igreja Católica.

Em Sérgio da Mata vê-se que as modificações sociais, culturais, políticas e religiosas ocorridas durante o XIX e XX tiveram consequências no que diz a respeito à Igreja.

Com o advento do Iluminismo, da Revolução Francesa e a transformação da disputa entre poder civil e religioso num fenômeno internacional, a intelectualidade europeia chega ao século XIX convencida da

²⁵ MATA, Sérgio da. Op. Cit. 2010, p.22.

²⁶ MATA, Sérgio da. Op. Cit. 2010. p. 65.

irreversibilidade da “secularização”, isto é, de um recuo progressivo do religioso²⁷.

A possibilidade de perda no campo religioso por consequência das transformações, como: guerras, revoluções, genocídios, maior facilidade de comunicação, educação mais abrangente, a modernização, que atingia a sociedade e refletia nas religiões foi denominada pela Igreja de secularização. As perturbações “vistas” pela Igreja diante à sociedade fez com que ela buscasse soluções nela própria, o Vaticano II foi umas dessas.

²⁷ MATA, Sérgio da. Op. Cit. 2010.p.78.

CAPÍTULO II

**O Concílio Vaticano II, vida matrimonial e a diaconia em
Uberlândia.**

2.1 – Diácono como agente intermediador entre igreja e sociedade.

Em 28/10/1958, foi eleito, aos 77 anos, o papa João XXIII (José Roncalli), considerado, em diversas partes do mundo, como apenas um "papa de transição", isso por sua idade mais avançada, porém surpreendeu a todos por seu desempenho e fôlego ao convocar, em 25/01/1959, o Concílio Vaticano II e promovê-lo. Também escreveu duas encíclicas²⁸ *Mater et Magistra* (Igreja, mãe e mestra) "sobre a questão social" em 15/05/1961, e a *Pacem in Terris* em 11/04/1963 "sobre a paz" e faleceu em 1963, antes da 2ª sessão do Concílio. O Concílio do Vaticano II foi o 21º encontro ecumênico realizado por membros da Igreja Católica Apostólica Romana. Tinha como finalidade "*renovar a Igreja promover o ecumenismo, atualizar a pastoral e valorizar os leigos*"²⁹. A partir dessas premissas, podemos entender que a Igreja esperava, a partir do Concílio, conseguir de alguma forma integrar e "cativar" os cristãos para uma nova Igreja, como a própria palavra diz, renovada, modificada para poder melhor atender e atingir os leigos.

Eleito em 21/06/1963 como papa, Paulo VI (Giovanni Montini) deu continuidade ao Concílio do Vaticano II, além disso, promoveu muitas outras atividades visitou Israel, Istambul, escreveu as encíclicas *Ecclesiam Suam* e a *Populorum Progressio* (sobre os problemas modernos dos povos) falou sobre a paz para 117 países na ONU, isso entre muitas outras ações. Faleceu em seis de agosto de 1978 com 80 anos e dez meses.

Analisando essa vontade da Igreja em realizar o Concílio para "transformar-se", "modificar-se" em pleno século XX, percebemos as situações de conflito, segundo as tradições eclesiais, o que é explicitado sem muitos esclarecimentos na fala do papa João XXIII na abertura do Concílio:

²⁸ Carta circular pontifícia, dogmática ou doutrinal. MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa, São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1998.

“Nos tempos modernos, não vêem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que a nossa época, em comparação com as passadas, tem piorado; e comportam-se como quem nada aprendeu da História, que é também mestra e vida, e como se no tempo dos concílios ecumênicos precedentes tudo fosse triunfo completo da ideia, da vida cristã e da justa liberdade religiosa”³⁰.

Considerado por alguns a maior obra da Igreja no século XX, iniciado em 11/10/1962 e com término em 8/12/1965, o Concílio teve quatro sessões: 1º de 11/10 a 8/12/1962; 2º de 20/09 a 04/12/1963; 3º de 14/09 a 21/11/1964; 4º de 14/04 a 08/12/1965. A “produção” escrita do Concílio Vaticano II se estabeleceu em 4 constituições, 9 decretos e 3 declarações, são:

1. Lumen Gentium (LG) - "sobre a natureza e a missão universal da Igreja";
2. Dei Verum (DV) - "sobre a Palavra de Deus";
3. Gaudium et Spes (GS) - "sobre a Igreja no mundo de hoje e a vocação humana";
4. Sacrosanctum Concilium (SC) - "sobre a Sagrada Liturgia";
5. Unitatis Redintegratio (UR) - "sobre o ecumenismo e o caminho da unidade";
6. Orientalium Ecclesiarum (OE) - "sobre as Igrejas Orientais Católicas e sua missão";
7. Ad Gentes (AG) - "sobre a atividade missionária da Igreja";
8. Christus Dominus (CD) - "sobre a missão dos bispos";
9. Presbyterorum Ordinis (PO) - "sobre a vida e o ministério dos presbíteros";
10. Perfectae Caritatis (PC) - "sobre a vida dos religiosos";
11. Optatum Totius (OT) - "sobre a vocação sacerdotal, os seminários e a formação";
12. Apostolicam Actuositatem (AA) - "sobre o apostolado dos leigos";
13. Inter Mirifica (IM) - "sobre os Meios de Comunicação Social";
14. Gravissimum Educationis (GE) - "sobre a Educação Cristã";
15. Dignitatis Humanae (DH) - "sobre a liberdade religiosa e os direitos da pessoa humana";
16. Nostra Aetate (NE) - "sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs".

O Vaticano II, segundo os documentos da Igreja, teve como finalidade “renovar”, no sentido de promover a unidade ecumênica, ou seja, integração entre todos cristãos, católicos ou não católicos. Essa finalidade ecumênica proposta

²⁹ CECHINATO, Pe. Luiz. Os 20 séculos de caminhada da Igreja principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. RJ: Vozes, 1996.p. 430

³⁰ FROHLICH, Roland. Curso básico de história da Igreja. tradução e adaptação de Alberto Antoniazzi, revisão Lúcio S. Lima. São Paulo: Paulus, 1987.p. 158

pelo concílio pode ser identificada no livro do PE. Luiz Cechinato: *É impossível renovar a Igreja e fazer que ela seja o Sinal de Deus para o mundo, sem querer a unidade de todos aqueles que acreditam no mesmo Deus. É o que disse João XXIII na abertura do Concílio.*

O ecumenismo foi dito como fator principal no Concílio, isso porque conforme os documentos ele foi vivenciado na dinâmica da construção de seu objetivo, *"o ecumenismo não foi um dos assuntos tratados ao lado de muitos outros, mas a preocupação permanente do Concílio"*³¹ foi utilizada como objetivo para reflexão social advinda após Concílio. Porém, o que podemos observar é que, mesmo com a boa intenção do sentido ecumênico, os representantes que eram de outras religiões podiam apenas observar as decisões e não dar suas opiniões nas sessões³².

Esse fato nos mostra que a Igreja Católica se modifica muito lentamente, faz "concessões" quando enxerga necessidade e a preocupação com a perda de fiéis. Mas em todo caso ela sempre resguarda seus princípios conservadores e as "mudanças" acontecem de maneira geral em suas margens.

O Vaticano II se diferencia dos outros 20 concílios por ter o intuito diferente, no sentido de ter maior atenção e intenção para com o ecumenismo e a pastoral, pretendendo acolher os cristãos para aproximá-los da Igreja, não deixando de resguardar suas intenções para com a postura da sociedade (que é a partir dos mandamentos, das normas da Igreja), mas não somente determinando o que é certo ou errado. *Os concílios anteriores foram feitos, em geral, para combater heresias e definir verdades de fé. O vaticano II, não. Sua finalidade é pastoral e*

³¹ CECHINATO, Pe. Luiz. Os 20 séculos de caminhada da Igreja principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. RJ: Vozes, 1996. p. 427.

³² CECHINATO, Pe. Luiz. Os 20 séculos de caminhada da Igreja principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. Op. Cit. 1996. p.423.

*ecumênica. Quis renovar espiritualmente a Igreja e promover a unidade dos cristãos*³³.

O concílio, segundo a Igreja, funcionou como uma tentativa de “transformá-la” em um lugar mais receptivo ao povo. A perspectiva da Igreja, sobre o Concílio Vaticano II, é de que ele foi desenvolvido e utilizado como apresentação e convite aos leigos e novos fiéis como uma nova abordagem da Igreja, e *sem mudar as verdades da fé, o Concílio nos deu uma nova visão de Igreja* ³⁴.

Pensando nesse sentido, o que se percebe é que a preocupação por parte da Igreja para com os fiéis veio somente a partir do avanço da perda desses fiéis, que decorria pelo mundo, juntamente com o desenvolvimento. A partir disso, questionamo-nos até que ponto a Igreja “diversificou” em prol de benefícios para os fiéis? O concílio nos deu uma nova visão de Igreja, ou foi uma espécie de campanha para Igreja?

Ao mesmo tempo em que se tentavam desenvolver a Igreja, se pretendia também resguardar seus dogmas, pois o que se buscava era reformular a fé e não propor uma nova doutrina católica. O que a Igreja diz sobre o propósito do Vaticano era atingir mais fiéis através de uma melhor forma de acolher os “novos” sujeitos modernos, o que podemos notar na fala do papa João XXIII no discurso de abertura do Concílio:

“Mas, para que esta doutrina atinja os múltiplos campos da atividade humana, que se referem aos particulares, às famílias e à vida social, é necessário primeiramente que a Igreja não se aparte do patrimônio sagrado da verdade, recebido dos seus maiores; mas ao mesmo tempo deve também olhar para o presente, para as novas condições de formas de vida do mundo moderno, que abriam novos caminhos ao apostolado católico” ³⁵.

³³ CECHINATO, Pe. Luiz. Os 20 séculos de caminhada da Igreja principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. Op. Cit. 1996.p. 427.

³⁴ CECHINATO, Pe. Luiz. Os 20 séculos de caminhada da Igreja principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. Op. Cit. p. 428.

³⁵ FROHLICH, Roland. Curso básico de história da Igreja. Tradução e adaptação de Alberto Antoniazzi, revisão Lúcio S. Lima. São Paulo: Paulus, 1987.p. 15.

Na modernidade, a Igreja tem que se habituar ao mundo para conseguir alcançar as pessoas, os costumes e as necessidades dos novos tempos, a integração de atividades pastorais, o apostolado católico foi uma alternativa para aproximar Igreja e sociedade, na medida em que o leigo se sentia como parte integrante da Igreja.

Segundo o discurso que se pode apreender do que o clérigo afirma, diz-se que a Igreja esforça-se para ser menos moralista, jurídica e mais profética e bíblica. A vivência dos cristãos dentro das Igrejas, como parte integrante dela, é uma das diretrizes da Igreja pós-concílio, no sentido de buscar o serviço e responsabilidades adquiridas no campo pastoral. Segundo Pe. Luiz, a Bíblia foi sendo inserida, estudada e conhecida pelos leigos, para que pudessem ter maior consciência e participação. A linguagem foi adaptada para melhor entendimento dos leigos e da mentalidade moderna.

Enfim, foi um evento importante para Igreja, em que forças "conservadoras" e "progressistas" debateram e votaram sobre diversos temas relevantes para Igreja, como: liturgia, fontes de revelação, meios de comunicação, Igrejas orientais, entre outros. Ciente de que tais temas refletem e são reflexos de mudanças sociais, a própria Igreja adverte na introdução do compêndio: *A tarefa do Concílio Ecumênico não está completamente terminada com a promulgação de seus documentos. Esses, como o ensina a história dos concílios, representam antes um ponto de partida que um alvo atingido*³⁶.

O Vaticano II sem dúvida foi relevante por sua tendência e tentativa a aproximar a Igreja com o mundo moderno. Ele ajudou para um possível diálogo entre Igreja e sociedade e um respeito mútuo entre católicos e protestantes, mas como bem lembrou Ney de Souza em seu artigo "Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio do Vaticano II": *Tudo isso será possível se não ela cair na tentação de retornar à sua antiga paixão: o medievalismo*³⁷.

³⁶VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações. Op. Cit. 1969.p.7.

³⁷ SOUZA, Ney De. Contexto e Desenvolvimento Histórico do Concílio do Vaticano II. Revista de Teologia e Cultura. Edição nº 02 – Out/ Nov/ Dez 2005. p. 35.

O Vaticano II foi um fato de desenvolvimento da trajetória da Igreja, um processo de continuidade histórica. No que se refere ao sentido ecumênico proposto, convocado em consequência dos acontecimentos modernos que desencadearam diversas transformações no mundo e na mentalidade da sociedade moderna, sendo uma ação da Igreja pensada e bem desenvolvida para seu benefício.

Todas as religiões, não só a Católica, querem em comum conseguir fiéis para sua missão. Os processos históricos, assim como o Vaticano II, dialogam com seu tempo, se vê então que, nesse período, a aproximação dos leigos com a Igreja estava sendo requerida.

O que a Igreja diz tentar através do Concílio é transformar sua abordagem pela proposta de reformulação da fé em uma linguagem compreensível aos fiéis, como uma nova roupagem. Mas será que isso significou para os leigos uma “nova” Igreja?

Pensando, a partir da perspectiva da “nova” Igreja, se vê que a essa Igreja necessitou de “novos” sacerdotes que fossem mais próximos do povo, que conseguissem atender às necessidades da Igreja perante sua doutrina e também ao mundo moderno. A restauração do diaconato foi uma solução, pois esse sujeito mesmo fazendo parte da hierarquia da Igreja era próximo dos membros da comunidade, afinal foi escolhido dentre eles.

Porquanto, fortalecidos com a graça sacramental, servem ao povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade, em comunhão com o Bispo e seu presbitério³⁸.

É nesse sentido de aproximação entre clero e comunidade que o diaconato é retificado no Concílio. Através do poder sacramental investido a esses “novos” membros do clero, que antes como leigos já serviam a Igreja, mas agora ordenados são capazes de alcançar diferentes espaços dentro da Igreja.

³⁸ VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações. Coordenação geral de Frei Frederico Vier, Op. Cit, 1969. p.76.

2.2 Pensando as estratégias da Igreja diante das mudanças do mundo para uma melhor relação com o fiel.

Pensando o sacramento como um elo de ligação entre o homem e o divino, percebemos que, para a Igreja, a dissolução do matrimônio seria também o enfraquecimento de um dos sacramentos principais da condição humana, em que muitos dos valores e costumes são o local primeiro dos indivíduos. E como mencionado, um dos requisitos principais para tornar-se um diácono é a vida familiar.

Neste sentido, esta avaliação nos coloca a refletir sobre como o sujeito diácono tem como objetivo, para a Igreja, representá-la através de suas funções e, também, como um exemplo de confirmação religiosa de família, e como Sérgio da Mata.

A religião nunca trata exclusivamente de “fé”, “santidade” ou “salvação”. Ela tende a ampliar seu campo de influências para as mais diversas esferas da vida, da sexualidade à política, estabelecendo ou pretendendo estabelecer a forma como os indivíduos devem agir em tal ou qual circunstância.³⁹

Essa influência ou interferência da Igreja pode ser vista claramente quando tratamos de como a questão matrimonial é vista pela Igreja e representada na vida de seus fiéis, principalmente no que se espera do diácono dentro da comunidade como protótipo de cristão.

Através da análise da carta encíclica *Casti Connubii* editada em 1930 pelo Papa Pio XI (Achile Ratti nascido em 1857 e eleito papa em 6 de fevereiro de 1922) e os acontecimentos que antecedem a construção da carta, destacamos pontos relevantes a respeito de possíveis motivos que possam ter influenciado em sua edição, além de supostas intenções que poderiam ser pretendidas com ela.

³⁹ Mata, da Sérgio. Op. Cit. 2010.p.23

A Igreja, nas décadas de 1910-1930, encontrou-se perante um processo com inúmeras mudanças no campo social. Tendo uma nova concepção de sociedade e de Estado e de sua autoridade, a sociedade tradicional se modificava e uma nova surgia com novas ideias de liberdades. O campo econômico se expandia com novas formas de produção e de consumo tendo um aumento considerável, aparecendo formas inovadoras de propriedade e de trabalho, a ordem política encontrava-se diferente e a sociedade estava dividida em classes.

As primeiras décadas de 1900 foi um período marcado pela Primeira Guerra Mundial e o início da revolução Russa, que instituiu o comunismo no país, nesta época a popularização do rádio como mídia em massa e o automóvel como meio de transporte foi marcante. Houve também a alta secularização na Europa, e diversos movimentos religiosos como o Pentecostalismo. Em 1939 a 1945 houve a Segunda Guerra Mundial que envolveu a maioria das nações do mundo com grandes potências organizadas, e em seu pós-guerra espalhou-se o alerta neomalthusiano tendo a Igreja que reconhecer o direito dos esposos a decidir sobre os números de filhos sem terem de renunciar a relações sexuais.

O século XX, em seu contexto, pode-se observar inúmeras orientações sobre o matrimônio por parte da Igreja. As Cartas Encíclicas emitidas pela Igreja Católica com autoria papal vêm demonstrar quais pontos são de interesse da Igreja, em direcionar seus fiéis, em cada tempo. Em 1930, foi editada a *Casti Connubii*, no qual referenciava o tema Matrimônio Cristão, de acordo com o Papa Pio XI, tratava-se de uma carta *em face das atuais condições, exigências, erros e vícios da família e da sociedade*.⁴⁰

A *Casti Connubii*, que significa matrimônio casto, foi uma encíclica papal promulgada pelo Papa Pio XI em dezembro de 1930, destacando a importância da santidade no casamento, com referência principalmente para o não uso de controle de natalidade aos católicos, contra o aborto e o adultério, reafirmando uma tradição que ainda pelas mudanças permaneceu na estrutura da Igreja defendendo questões morais.

⁴⁰ PAPA PIO XI. Carta encíclica *Casti Connubii* : ACERCA DO MATRIMÔNIO CRISTÃO. 1930 p.1.

Uma das possibilidades é que a encíclica foi em resposta à Conferência de Lambeth de 1930, na qual teria sido aprovado o controle de natalidade. Portanto, esse fato nos leva a pensar sobre uma determinada preocupação da Igreja na permanência de alguns costumes. Neste sentido, o casamento, em sua essência, perderia sua função social segundo a Igreja, que se remete à procriação da prole e educação dos filhos, como podemos ver no catecismo da Igreja católica:

A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão da vida toda, é ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e a geração e educação da prole, e foi elevada, entre os batizados, a dignidade de sacramento por Cristo.⁴¹

De acordo com as exigências, para se tornar um diácono, é necessário ter algumas peculiaridades no âmbito social e religioso, sendo assim destaco uma destas para compreendermos a busca da Igreja por esta função. Os diáconos precisam ser dignos perante a Igreja, sendo íntegros, pais de família, com a vida de participação pastoral e familiar. Além disso, o diácono não pode se divorciar de sua esposa e continuar exercendo suas funções dentro da Igreja, aliás, ele precisa de seu consentimento para se tornar um diácono.

O matrimônio de um diácono permanente é a chave para realização de sua ordem, tanto que se por ventura ele vir a ficar viúvo complementando seus estudos pode se tornar um padre, já que não pode se casar novamente. Destaco a participação destes sujeitos no seio familiar, apresentando juntamente com a proposta da Casti Connubii que prevê um casamento casto como exemplo de vida cristã.

Ao observarmos que os princípios do matrimônio estão atrelados a uma condição social, que de alguma forma está sendo revista, ou repensada em alguns modelos, que concomitantemente eram opostos ao modelo que se pregava no período mencionado, partimos para a compreensão do contexto em debate e com recorte que pudesse nos aproximar da discussão.

Partindo desta preocupação da Igreja na década de 1930, pude investigar quais condições eram essas que despertaram na Igreja o interesse nos princípios

⁴¹ Catecismo da Igreja Católica. 1999. p, 438.

do matrimônio cristão. Portanto, coube realizar um recorte mais restrito no qual a encíclica nos aponta para observância dos fieis contemporâneos, está representada pela indissolubilidade do matrimônio.

Na doutrina católica o matrimônio é sagrado para aqueles que aceitam o sacramento, não aceitando o adultério e o divórcio, chamando atenção das mulheres para que possam ser obedientes aos seus maridos e o marido a amar suas esposas, reafirmando que a família é sagrada, estando o ato conjugal ligado à procriação. No matrimônio e em seus direitos, há os fins secundários que são a ajuda mútua, o cultivar o amor.

Entretanto, o catolicismo, em sua trajetória teve que dispor de muitas estratégias para atender as demandas sociais como: o divórcio e o controle de natalidade que nesse caso estava em voga. Tais métodos foram usados, não de forma definitiva, mas o importante era não alterar suas premissas, enquanto instituição que exerce influência sobre a humanidade.

A sacralização do casamento foi uma tarefa difícil, o que era apenas um contrato entre duas partes que se baseava numa espécie de compra ou doação do noivo para o pai da noiva, passa a ser algo sagrado.

Antes de ser um sacramento, o casamento era um contrato civil, firmado entre duas partes; era efetivado no que se chamava em Portugal de *esponsais*, uma espécie de compra da noiva pelo noivo, que pagava ao pai daquela, um preço ou doação, passando mais tarde a ser entregue à noiva para permanecer como patrimônio da esposa (no direito português passou a receber a denominação de “arras”).⁴²

Levando em consideração este aparato religioso de princípios em relação ao casamento como determinante para o corpo social, percebemos que com a Proclamação da República do Brasil houve também a separação da Igreja com o Estado e, nesta relação, o casamento foi uma das instituições que sofreu modificações.

A instituição do casamento civil, em 24 de janeiro de 1890, que retirou da Igreja o controle sobre a prática das celebrações matrimoniais, não trouxe consigo a prerrogativa da dissolução deste contrato civil que na época se criava, embora o entendimento

⁴² SENNA, A. K. . As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa rio-grandina (1889-1916). 38. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. 131p .p, 29.

de muitos fosse o de que, tido como um contrato civil podia o casamento ser desfeito. Pouco tempo após a instituição do casamento civil, tiveram início as propostas ou modalidades em que se poderia pôr fim ao matrimônio.⁴³

Portanto, o divórcio no Brasil nos possibilita uma abordagem para a discussão pretendida aqui. Identificar modificações do corpo social que levaram a confecção da carta encíclica de 1930, pode nos apresentar possibilidade de entendermos quais motivos levaram novamente a prática do diaconato no catolicismo.

A carta nos direciona para uma pretensão declarada da Igreja na valorização da tradição. Tendo também a valorização da vida e da fé na defesa do humano, colocando assim barreiras nas injustiças, visando à preservação da doutrina da Igreja.

Na carta encíclica de 1930, a Indissolubilidade do Contrato Nupcial, compõe o terceiro bem do Matrimônio Cristão que é o Sacramento.

No que respeita a indissolubilidade do contrato nupcial, o próprio Cristo nele insiste: 'Não separe o homem aquilo que Deus uniu' (Mt 19,6); 'e todo aquele que abandona a sua mulher e toma outra comete adultério; e todo aquele que toma a mulher abandonada pelo marido comete adultério' (Lc 16, 18).⁴⁴

Neste sentido, o matrimônio cristão tem uma dimensão sacramental, no qual deixa clara a sua indissolubilidade. Em contrapartida, o casamento civil não trouxe consigo a prerrogativa da dissolução deste contrato. Entretanto, o entendimento de algumas pessoas, sendo elas a favor do divorcio e por considerarem um contrato civil, este podia ser desfeito.

Levando em consideração este ponto do contrato civil, se torna evidente o rompimento com o sacramento do matrimônio criado pela Igreja. Se, para a igreja, o sacramento é o elo que liga o homem ao divino, temos aqui outro modelo de matrimônio que não tem esta prerrogativa.

De acordo com Senna:

⁴³ SENNA. Op. Cit. 2007.p. 51.

⁴⁴ PAPA PIO XI. Carta encíclica Casti Connubiis. Op. Cit. 1930.p.1.

O teólogo Pedro Lombardo, nas Sentenças de 1150, incluiu o matrimônio no rol dos sete sacramentos, conjugando a vontade das almas e o enlace dos corpos. Era o símbolo da união espiritual entre a Igreja e Cristo, e o enlace dos corpos o símbolo da união corporal. Na Suma Teológica (Tomás de Aquino, século XIII), o matrimônio era elencado entre os sete sacramentos, tido para o aperfeiçoamento do homem enquanto parte de uma comunidade e servindo como remédio contra a concupiscência pessoal. Mas foi através dos impedimentos aos casamentos ilícitos que a Igreja pôde também afirmar-se frente ao poder político e frente à sociedade civil, garantindo que o matrimônio se tornasse indissolúvel.⁴⁵

Contudo, essa indissolubilidade do matrimônio defendido pela Igreja passa pela mudança social. Neste caso, o Brasil torna-se referência no sentido de compreender a importância da carta encíclica de 1930, as palavras do Papa para os fieis católicos. No trecho da carta que segue abaixo a preocupação quanto ao modelo de comunidade que a Igreja defende.

“Convém ainda que os esposos cristãos, fortalecendo a fraqueza de suas vontades pela graça interior de Deus, façam concordar todo seu modo de pensar e de proceder com essa puríssima lei de Cristo pela qual asseguraram a si próprios e à sua família a verdadeira felicidade e paz”.⁴⁶

Neste momento, percebe-se então uma preocupação quanto a um comportamento social, baseado em um modelo de comunidade. Esta comunidade na qual o Papa se refere está estritamente ligada à instituição familiar. E cabe aos esposos cristãos a tarefa de orientar sua família quanto à doutrina da Igreja. Mas, chama atenção para que: *olhamos à nossa volta, verificamos na maior parte dos homens, com o esquecimento desta obra divina de restauração, a ignorância total da altíssima santidade do matrimônio cristão*⁴⁷.

No Brasil, entre 1890 e 1916, o divórcio era baseado em duas formas de separação: a primeira consistia na separação dos corpos, que não teriam dissolvido o vínculo conjugal, apenas não mantinham mais os preceitos do matrimônio de acordo com a Igreja, não procriariam mais. A outra era o divórcio absoluto que consistia na separação total, ou seja, abrindo a possibilidade de se

⁴⁵ SENNA. Op. Cit. 2007.p. 30.

⁴⁶ PAPA PIO XI. Carta encíclica Casti Connubiis. Op.Cit. 1930 .p.1.

⁴⁷ PAPA PIO XI. Carta encíclica Casti Connubiis.Op. Cit. 1930 .p. 2.

casar novamente. A situação da família se tornou algo preocupante para Igreja Católica, no sentido de uma ruptura no modelo social.

A *Casti Connubii* pode ser comparada a *Humanae Vitae* que é outra encíclica que retorna a tensão que demonstra a posição de Pio XII em relação à questão matrimonial, o mesmo diz que o único método que pode se evitar filhos é o natural, reprovando os métodos anticonceptivos, nesta encíclica há um acompanhamento e orientação dos cristãos.

O que se percebe é que diante das transformações que se desenvolviam, a Igreja como forma de manter suas tradições, seus padrões morais sociais, tenta reafirmar seus preceitos. O documento analisado dialoga com seu tempo, então já enxergamos nesse fato uma possível tentativa de reafirmar “normas” que estavam em debate na época. A Igreja através da encíclica visa “conter” a dinâmica de transformação, mas como bem lembrou Jacqueline Hermann, ao citar Marx *“religião não vive no céu, mas sim na terra”, aludindo claramente aos condicionamentos sociais e políticos das ideias religiosas”*⁴⁸. Mas como vemos nas religiões:

as opiniões religiosas não têm uma incidência unicamente sobre a busca de sentido para a existência, mas a têm igualmente sobre os comportamentos, ordenando toda a vida do homem crente, inclusive suas práticas sociais, as religiões são também lugares relevantes dos conflitos sociais.⁴⁹

As religiões não só a Católica Apostólica Romana preocupam-se em ditar “normas” em relação às ações de seus seguidores. Documentos como a carta *Casti Connubii* são construídos para estabelecer aos cristãos o modo como devem viver seguindo as normas da igreja, e isso influencia o meio em que vivem.

No dado momento da edição da carta, concluímos que o sacramento do matrimônio “precisava” ser evocado novamente, principalmente em relação à sua potencialidade de ligar o humano ao divino. De acordo com Senna este tema repercutiu nos jornais da Região Sul do Brasil em que os *referidos manifestaram-*

⁴⁸ HERMANN, Jacqueline. . História das Religiões e das Religiosidades. In: Ciro Cardoso e Ronaldo Vainfas.. (Org.). Domínios da História. *Ensaio de Teoria e Metodologia*. 2ed. Rio de Janeiro: Campus, 2011, v. ,p.334

⁴⁹ GOMES, Francisco José Silva; Op. Cit. 2002,p.17

*se sobre o casamento, atribuindo a esse o caráter de mero contrato social ou destacando-o como ato sacramental e portanto divino*⁵⁰.

Portanto, se o matrimônio, que tinha uma dimensão definitiva para a Igreja de indissolúvel, no qual a família era o primeiro eixo comunitário para os indivíduos, o contrato civil abre para outros preceitos, como seu rompimento matrimonial.

Muito embora os grupos familiares fossem muito dispersos e vivessem basicamente da exploração da terra, era a família que exercia o máximo das funções sociais. Sob as relações da família e o Estado.⁵¹

Se associar o divórcio como um fator importante para criação da carta encíclica de 1930, isso deixa evidente que as mudanças sociais do período mencionado mobilizaram a Igreja. Luiz de Aguiar Costa Pinto, em 1940, afirmava em sua obra *Lutas de Família no Brasil: era colonial: Essa instituição se firmou no Brasil como o centro de produção econômica, religiosa e política, sobre a qual nenhuma outra instituição tinha poder.*⁵²

Segundo esse autor, a base dessa família era o casamento e seguia as leis civis instituídas em Portugal e eram a priori realizados entre grupos de convívio ou parentelas de modo a não dispersarem os patrimônios adquiridos. Contraídos dentro de um mesmo grupo, fortalecendo-o na preservação do patrimônio e, conseqüentemente, do poder, o casamento era uma das instituições que mais contribuía para a dominação política e econômica da sociedade brasileira.

Portanto, o divórcio rompe com uma tradição calcada no sacramento. Neste sentido, a carta encíclica é um alerta às famílias cristãs, sobre a necessidade de observância dos costumes católicos em função do matrimônio. Este que é a instituição primeira do indivíduo, no que tange todas as dimensões sociais em seu interior, tais como econômica, política e religiosa. Que aos poucos vai confrontando com novos costumes e direcionamentos sociais. A igreja por sua

⁵⁰ SENNA. Op. Cit. 2007.p.67

⁵¹ NADER, Maria Beatriz. Casamento no Brasil: do século XVI ao XIX. O Olhar da historiografia. Extraído do site www.angelfire.com/planet/anpuhes/beatriz4.htm, no dia 30 de agosto de 2013.

vez, sendo uma instituição que exerce sua influência, orienta seus fiéis de acordo com seus dogmas e tradições, na tentativa de ligar o homem ao divino por seus sacramentos, criando assim um ser “cristão”.

Pensando a partir deste aspecto, entendemos um dos motivos que garantiram o retorno dos diáconos permanentes a Igreja Católica. Uma figura de grande relevância, uma vez que serve como modelo para a igreja, pois é o indivíduo que tem uma família que se aproxima do que a igreja prega e um casamento que parece ser indissolúvel.

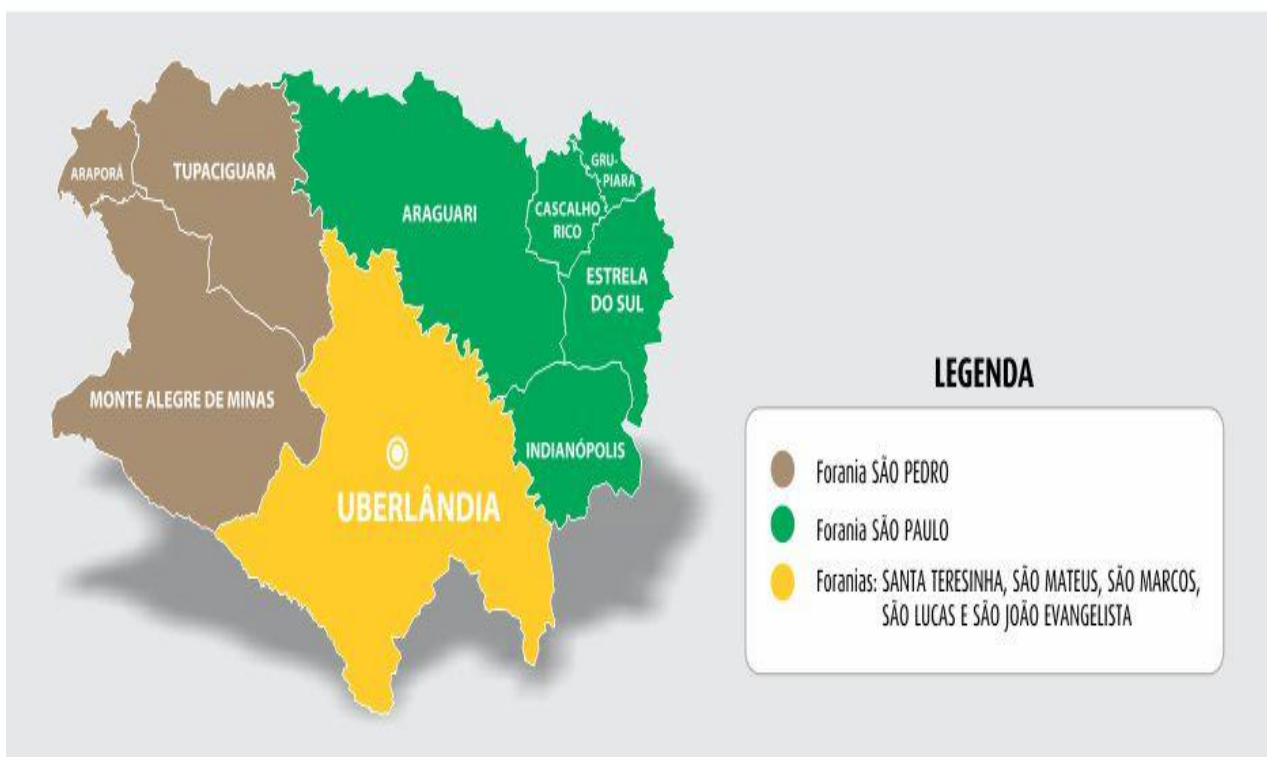
⁵² NADER, Maria Beatriz. . Casamento no Brasil: do século XVI ao XIX. O Olhar da historiografia. Op. Cit., em 30 de agosto de 2013.

2.3 Entre as normas e a realidade: o diaconato permanente em Uberlândia.

A Diocese de Uberlândia foi criada em 22 de julho de 1961 pela bula *Animorum societas* do Papa João XXIII, com território totalmente desintegrado da então Diocese de Uberaba. Ela situa-se no extremo- oeste setentrional do estado de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro. Tem como limites a Arquidiocese de Uberaba (MG) e as dioceses de Ipameri (GO), Itumbiara (GO), Patos de Minas (MG) e Ituiutaba (MG).

A diocese de Uberlândia abrange também outros municípios como Araguari, Araporã, Cascalho Rico, Estrela do Sul, Grupiara, Indianópolis, Monte Alegre de Minas e Tupaciguara que juntas integram as sete foranias da diocese.

FORANIAS DA DIOCESE DE UBERLÂNDIA



53

⁵³ DIOCESE DE Uberlândia. Extraído do site www.elodafe.com.br/clero/diáconos, disponível em 10/06/2015.

Já passaram pela diocese de Uberlândia os bispos Dom. Almir Marques Ferreira (1961/1977), Dom Onofre Cândido Rosa (1970/1977), Dom Estevão Cardoso de Avellar (1978/1992), Dom José Alberto Moura (1978/2007) e atualmente é redigido pelo bispo Dom Paulo Francisco Machado.

A diaconia em Uberlândia é exercida na maioria das paróquias, algumas de forma superficial, visto que a presença do diácono é solicitada geralmente para suprir a “falta” do presbítero em algumas competências que ambos tem em comum, deixando assim partes de sua função de lado, em outras há um “trabalho” mais integrado. Isso pode ser constatado através da observância das comunidades e do nível de familiaridade do diácono com a comunidade de sua responsabilidade.

Os diáconos são convidados a comporem a hierarquia da Igreja, são ditos “íntegros”, “pais de família” que tem além de suas práticas religiosas uma vida social, familiar, profissional são dignos perante à Igreja, por isso são convidados a exercer o ministério diaconal. O sujeito recebe uma preparação, um curso de teologia ministrado por professores competentes, com duração média de cinco anos, isso depende de diocese pra diocese. Em Uberlândia, por exemplo, a Escola Diaconal Santo Estevão faz-se presente quando necessário para atender as demandas. Atualmente no ano de 2015 com a abertura do curso de teologia na faculdade PUC (antiga Católica) a preparação de novos diáconos é feita a partir do curso de teologia na faculdade.

Em 1992, em Uberlândia, foi ordenada a primeira turma de diáconos, desde então foram ordenados quatro turmas de diáconos, a lista encontra-se inserida em anexo, na página 59.

A teologia aplicada na formação desses diáconos anterior à PUC não é aceita pelo MEC (Ministério da Educação), por isso muitos desses diáconos, após serem ordenados, iniciaram curso de teologia na universidade Católica a fim de receber um diploma. O diácono Jerônimo Gomes Ferreira de Uberlândia ao cursar teologia na faculdade Católica escreveu um artigo intitulado “A vocação e a

missão do diácono na Igreja e na sociedade pós-moderna: desafios e perspectivas”.

Ao analisar o artigo, vê-se que, segundo Jerônimo Gomes, a função diaconal tem sido quando não desconsiderada, tratada de forma inferior perante a totalidade hierárquica, por esse caminho ele faz uma crítica ao desconhecimento e à desvalorização do diácono em um modo geral, não somente em Uberlândia.

Diaconato é a vocação que mais cresce neste Milênio; mas, é pouco conhecida, e de pouco reconhecimento na Igreja por alguns. Às vezes, o diácono é confundido com o padre. Passados 50 anos do Vaticano II (1962-1965), muitas dioceses ainda não iniciaram a formação e a ordenação dos Diáconos Permanentes, provavelmente, por receio, por desconhecimento dessa vocação e missão; outras vezes, devido a restrições do clero, do bispo, do Conselho dos Presbíteros⁵⁴.

Esse trecho Jerônimo nos mostra como a uma grande contradição entre o crescimento e o reconhecimento do diácono no Catolicismo. Como pode uma ordem ser desprestigiada ou ser confundida dentro da própria Igreja após 50 anos de sua restituição? Segundo Jerônimo o desafio do diaconato na atualidade será a construção de sua identidade e de seu espaço.

Jerônimo traz em seu artigo dados de uma pesquisa feita pela Comissão Nacional dos Diáconos que é bastante esclarecedora sobre algumas visões a respeito da ordem diaconal.

Pesquisa de campo realizada pela Comissão Nacional dos Diáconos (CND) (Bendinelli, 2011, p. 121) mostra pontos positivos interessantes: houve um ganho nas comunidades em que o diaconato foi restaurado, percebeu um favorecimento nos ministérios leigos, novos ambientes foram evangelizados e reforço na dimensão sócio transformadora da Igreja. Os pontos negativos revelados na pesquisa: a deficiência na formação do diácono, a resistência dos presbíteros à novidade (conviver com um ministro casado) e ao ministério (repartir responsabilidades), a falta de clareza do espaço do diácono na paróquia e na diocese e a

⁵⁴ FERREIRA, Jerônimo Gomes. A Vocação e a Missão do Diácono na Igreja e na Sociedade Pós-Moderna: Desafios e Perspectivas. Uberlândia. 2013. p.7.

tendência de clericalização e desarticulação entre a vivência diaconal, na família, na profissão e no ministério⁵⁵.

O que percebemos a partir dos resultados dessa pesquisa é que o diácono é um agente significativo ao passo que, somente contribui com sua participação na Igreja, apesar de sofrer a falta de atenção e prestígio diante da ordem. Para Jerônimo a função diaconal está sendo mal interpretada, além de limitada, o que gera mais problemas para uma possível valorização da ordem.

O diácono não é um "substituto" do padre, numa celebração da Palavra, de um batismo, ou casamento. Estes serviços pastorais também se fazem necessário, em função das demandas e das dificuldades e disposição dos padres, no entanto, o diácono precisa ir mais longe⁵⁶.

Mesmo que a crítica de Jerônimo seja generalizada, a todos os diáconos, vindo de um diácono que reside e atua em Uberlândia nos leva a refletir sobre as condições da prática diaconal em Uberlândia. Será que a prática condiz com a teoria? Os diáconos em Uberlândia são reconhecidos por sua comunidade? A comunidade católica em Uberlândia sabe quem são e o que fazem os diáconos?

A partir dessas reflexões, percebe-se que muitos membros da comunidade confundem, muitas vezes, o padre e o diácono, e aqueles que conhecem desvalorizam o trabalho realizado pelo mesmo. Desta forma, ao voltarmos no motivo angular ao qual o diaconato foi criado (como dito anteriormente, uma aproximação maior com a comunidade e divisão das tarefas), percebe-se que o mesmo poderá realizar suas atividades apenas em consenso com o padre.

O que muitas vezes acontece, é que o padre tem um tempo em cada paróquia e quando ele muda para outra e nela tem um diácono, ele decide se o mesmo fica ou não, ou seja, os diáconos não têm estabilidade e nem garantia se poderão realizar suas funções, tendo muitas vezes que ficar sem celebrar a

⁵⁵ FERREIRA, Jerônimo Gomes. A Vocação e a Missão do Diácono na Igreja e na Sociedade Pós-Moderna: Desafios e Perspectivas. Op. Cit. 2013. p.14.

⁵⁶ FERREIRA, Jerônimo Gomes. A Vocação e a Missão do Diácono na Igreja e na Sociedade Pós-Moderna: Desafios e Perspectivas. Op. Cit. 2013. p.14.

palavra⁵⁷ até que outro padre o receba. É interessante destacar que o diácono não tem remuneração financeira, ficando a cargo de o pároco decidir se auxilia ou não com suas despesas para deslocamento em serviço da comunidade que é chamado de espórtula. Assim percebe-se que ele é hierarquicamente inferior.

No órgão informativo da Comissão Nacional dos Diáconos de Maio/2010 percebe que apesar das dificuldades enfrentadas e reclamadas por muitos ainda é crescente o número dos diáconos:

A Comissão Nacional dos Diáconos comemora o aumento no número de Escolas Diaconais, de candidatos e de ordenados. Além de maior divulgação do trabalho ministerial do Diácono, da maior presença da CND e das CRDs, destaque-se o modelo pastoral de muitas dioceses, priorizando a animação e formação de pequenas comunidades e a necessidade de formação de agentes para as Pastorais Sociais, ministério que pode ser entregue aos diáconos permanentes. Por estar mais presente nas Comunidades o Diácono passa a exercer, com autorização e junto ao Pároco e Vigário Paroquial um trabalho de animação, aconselhamento, catequese e celebração mais atuante. Alie-se a isso o fato da presença da esposa e filhos do Diácono nas comunidades. A CND – Comissão Nacional dos Diáconos - e a ENAP – Equipe Nacional de Assessoria Pedagógica – estão sempre se atualizando para fornecer subsídios de formação às Escolas Diaconais, em especial no Ministério da Caridade. Também aumentou o número de Diáconos exercendo funções de Ecônomo, administradores e até Chancelaria em Dioceses. A CND e as CRDs estão atualizando o número de Diáconos Permanentes no país, bem como o de Escolas Diaconais.⁵⁸

Em Uberlândia o “corpo” de diáconos permanentes consiste em 41 diáconos permanentes, distribuídos nas paróquias de Uberlândia, Araguari, Indianópolis, trabalhando nas paróquias, capelarias, santuário e setores pastorais. Em Uberlândia são 34 desses lugares espalhados pela cidade. Como podemos constatar através da progressiva quantidade de diáconos não só em Uberlândia, mas como em todo Brasil o ofício diaconal esta cada vez mais em voga.

⁵⁷ O diácono diferentemente do padre não pode consagrar as hóstias, desta maneira não celebra a missa (liturgia eucarística) e sim a palavra. Assim sendo, não pode exercer suas funções sem que o padre deixe previamente as hóstias consagradas.

⁵⁸ COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS. Extraído do site www.cnd.org.br, disponível em 10/02/2015.

A ordem diaconal foi estabelecida em Uberlândia, sob a coordenação do bispo Dom Estevão Cardoso de Avellar, através do diácono, Policarpo Rodrigues Filho, que veio morar em Uberlândia e trouxe consigo um pedido de outro bispo. A ordem diaconal foi estabelecida na cidade, podemos ter conhecimento dessa memória:

Levava comigo uma carta de apresentação de Dom Miguel Fenelon Câmara e uma expectativa de aceitação não tão esperançosa. Dizia-se que o bispo já era idoso e poderia não me receber. Era um fim de tarde qualquer quando me dirigi à Cúria Diocesana para me apresentar e entregar a Dom Estevão Cardoso de Avellar a minha carta/pedido. A Cúria funcionava onde hoje está a Rádio América. Maria da Cruz, então secretária, me recebeu e disse: “Olha, já está tarde e talvez o bispo não o receba mais hoje”. Parecia ir se confirmando a expectativa. Insisti e disse que trazia uma carta do Arcebispo de Teresina. Ela pediu para que eu aguardasse um pouco. Entrou e, logo depois, retornou dizendo que eu entrasse, pois Dom Estevão iria me receber. Fui acolhido com muita gentileza. Entreguei a carta, aguardei a leitura e ouvi dele esta enfática afirmação: “Mas que bom eu receber na minha diocese um diácono já pronto!”. O coração do Pastor e do diácono entraram em eclesial empatia.⁵⁹

O relato completo de Policarpo sobre sua inserção em Uberlândia está inserido em anexo. Foi feito a partir da necessidade de informações sobre o início do diaconato em Uberlândia. Esse relato está disponível somente neste trabalho. Na busca por documentos, fragmentos que pudessem orientar essa pesquisa, pude contar com a escrita deste depoimento.

O trecho acima nos mostra como surgiu inesperadamente a diaconia em Uberlândia por meio da procura de um diácono já formado que, se encontrando em uma diocese que ainda não dispunha de diáconos, buscou meios para continuar a praticar sua função. A forma como surgiu a diaconia em Uberlândia nos faz pensar como os próprios diáconos tiveram que “lutar” para que sua função fosse reconhecida e exercida dentro da Igreja Católica.

⁵⁹ FILHO, Policarpo Rodrigues. Anotações da história do diaconato. 24/11/2014, p.1.

O relato nos traz informações sobre o início do diaconato, as dinâmicas que se desenvolveram em Uberlândia. Através de suas palavras temos também noção da dimensão dos sentimentos envolvidos em torno do processo, como no trecho em que ele descreve o que sentiu ao escutar do bispo Dom Estevão as boas vindas: “*O coração do Pastor e do diácono entraram em eclesial empatia*”. Vemos aí a satisfação que ele sentiu ao ser aceito na própria Igreja.

A partir da leitura do artigo do diácono Jerônimo, de refletir sobre a escolha de seu tema de discussão, sobre diaconato, do relato de Polycarpo enxergo uma tentativa pertinente de o sujeito diácono chamar atenção para sua condição, requerendo valorização, buscando reconhecimento por parte da Igreja e da sociedade também, através dessas pequenas aberturas. Em outro momento no relato, podemos identificar a angústia do diácono diante de uma “rejeição” do padre da paróquia de perto de sua casa:

No domingo seguinte, fomos à missa e, terminada a celebração, dirigi-me à sacristia para esse primeiro contato. Confesso que não tive a acolhida esperada, mas uma frase seca e desalentadora: “Na sala ao lado está havendo uma reunião dos ministros, o senhor pode entrar e participar”. Nada mais me foi dito e nenhuma palavra de boas vindas ou coisa semelhante. O coração impactou-se⁶⁰.

Essa recepção estava sendo esperada pelo diácono em algum momento, não foi pelo bispo, mas foi com o padre. Essa aflição do diácono nos faz questionarmos, porque o diácono considerado teoricamente importante foi recebido por outro membro de maneira hostil. Já que o padre sujeito altamente reconhecido e valorizado dentro da comunidade Católica ao desconsiderar outro membro abre brechas para os leigos e a sociedade também o desvalorizem.

Pensando, a partir disso, qual a importância do diaconato para a sociedade, para os leigos? É possível que alguns membros da hierarquia estejam intervindo

⁶⁰ FILHO, Polycarpo Rodrigues. Anotações da história do diaconato. 24/11/2014. P.1.

na ordem diaconal? Como uma ordem servidora poderia atrapalhar a ponto de ser desvalorizada?

Abstendo da suposição de que o diaconato foi retomado como uma estratégia da Igreja Católica, pensamos que a ordem estando vigente trás benefícios para Igreja e para sociedade. A busca pela salvação é presente na sociedade, a espera de uma vida após a morte, a esperança do perdão, tudo isso são fatores que contribuem para o envolvimento de um indivíduo com a Igreja. É nesse aspecto que o diácono é importante, pois ele aproxima, acolhe o indivíduo e se mostra tão humano quanto ele.

Com base nesse estudo devemos refletir sobre as diversas questões que foram sendo colocadas ao longo do texto sobre o diaconato, lembrando que *“um estudo sobre as relações entre história e religião, desde que queira ser honesto, será sempre um experimento”*⁶¹, uma vez que a temática foi apresentada para ser pensada.

⁶¹ MATA, Sérgio da. Op. Cit. 2010.p.12.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do exercício da pesquisa, buscamos apresentar e integrar o objeto de estudo, diácono, e seu ofício o diaconato na hierarquia da Igreja Católica. Tentando dessa forma entender sua trajetória, sua perda, sua retomada e os tantos porquês que envolvem essa questão.

O Vaticano II foi o Concílio em que diversos projetos e remodelagens foram discutidos, dentre eles o diaconato que foi reinserido na hierarquia da Igreja Católica. Entre assuntos diversos e de interesse público foi discutido também a igualdade entre todos os homens e a justiça social considerando que todos os homens são dotados igualmente de alma racional e criados a imagem de Deus. Segundo o documento *Gaudium et Spes* todos os homens tem a mesma natureza e a mesma origem, portanto são iguais.

Na verdade nem todos os homens se equiparam na capacidade física, que é variada, e nas forças intelectuais e morais, que são diversas. Contudo qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja ela social ou cultural, ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser superada e eliminada, porque contrária ao plano de Deus⁶².

Segundo o Vaticano II o gênero humano estava em uma nova fase, frente às mudanças vindas pela inteligência do homem, sua atividade criadora, seu poder, e isso fez com que houvesse dificuldades principalmente no aspecto de se submeter. Para Igreja o homem desse período nunca teve tanta liberdade, riqueza, possibilidades, porém em algumas partes do mundo a fome, a miséria faziam-se presente, e essa situação tão complexa gerava escravidão social e psíquica no homem.

Para Igreja a transformação que ocorria na sociedade atingia a mentalidade, o modo de vida, os valores das pessoas e consequentemente a vida

⁶² VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações. Op. Cit. 1969. p.172.

religiosa. Segundo ela, uma evolução tão rápida das coisas do mundo, da consciência, acabavam por causar contradições e desequilíbrios na família, nas classes sociais, nas raças, enfim, egoísmos coletivos, conflitos em que o homem é causa e vítima. Nesse contexto, o elemento diácono veio como um complemento na evangelização, ele seria aquela figura que está mais próxima do povo.

Sobre a importância da ordem diaconal, vimos que é relevante para Igreja, a partir dos documentos que ela própria produziu, ou seja, nos seus fundamentos. É o ministério que mais cresce dentro da Igreja, o que mostra que a falta de prestígio de alguns membros da comunidade não afeta essa ordem.

O diaconato fortalece a Igreja, pois o Diácono em sua função representa toda uma comunidade que possui família, passa por dificuldades e desafios e sabe que o pastor que serve o altar e a comunidade também possui uma família e os mesmos desafios, isso faz com que ela se enxergue através dele, porque a Igreja é formada em sua maioria pelos leigos, que vendo um homem com uma vida comum no clero se vê representado. Dessa forma ele integra, representa e fortalece a Igreja Católica.

A sociedade contemporânea traz com ela novas exigências para que a Igreja seja mais flexível, generosa e humana, o diaconato amplia esses conceitos.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

ANÚARIO DIOCESANO. Uberlândia, MG, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília, Edições CNBB. 2010. Documento nº- 93.

CONGRAGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes-Diretório do Ministério e da vida dos Diáconos Permanentes. Coordenação geral de Ivani Pulga, SP: Paulinas, 1998. CRISTÃO. 1930 .

FROHLICH, Roland. Curso básico de história da Igreja. Tradução e adaptação de Alberto Antoniazzi, revisão Lúcio S. Lima. São Paulo: Paulus, 1987.

PAPA PIO XI. Carta encíclica Casti Connubiis : ACERCA DO MATRIMÔNIO.1930.

VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações. Coordenação geral de Frei Frederico Vier, O.F. M. 29ªed. RJ: Editora Vozes, 1969.

BIBLIOGRAFIA

CECHINATO, Pe. Luiz. Os 20 séculos de caminhada da Igreja principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. RJ: Vozes, 1996.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano.São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Jerônimo Gomes. A Vocação e a Missão do Diácono na Igreja e na Sociedade Pós-Moderna: Desafios e Perspectivas. Uberlândia.2013.

FREIRE, Paulo Antônio; FERNANDES, Márcio Luz. Missão e Espiritualidade do Diácono Permanente. Caderno Teológico Da PUCPR, Curitiba, v.1, n.1, 2013.p.270-285.

GOEDERT, Valter Mauricio. O Diaconato Permanente: perspectivas teológico-pastorais. São Paulo: Paulus, 2005.

GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da história. In: LIMA, L. L. CIRIBELLI, M.; HONORATO, C. T.; SILVA, F.TC.T. História & Religião. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

HERMANN, Jacqueline. . História das Religiões e das Religiosidades. In: Ciro Cardoso e Ronaldo Vainfas.. (Org.). Domínios da História. *Ensaios de Teoria e Metodologia*. 2ed. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

MATA, Sérgio Da. História e religião. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

MIRANDA, D. Antônio Afonso, O que preciso saber sobre o sacramento da ordem. SP. Santuário, 1987.

SENNA, A. K. . As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa rio-grandina (1889-1916). 38. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. 131p .pp, 29.

SILVA, Marcos A. Da. O trabalho da linguagem. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 6, n. 45 - 61 set. 1985. 1985/fev. 1986.

SOUZA, Ney De. Contexto e Desenvolvimento Histórico do Concílio do Vaticano II. *Revista de Teologia e Cultura*. Edição nº 02 – Out/ Nov/ Dez 2005.

THOMPSON, E.P. A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensador de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. A Pesquisa em História. São Paulo. Ed: Ática, 1991

FONTES ELETRÔNICAS

COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS. . Extraído do site www.cnd.org.br, disponível em 10/02/2015.

DIOCESE DE UBERLÂNDIA. Extraído do site www.elodafe.com.br/clero/diaconos, disponível em 10/06/2015.

NADER, Maria Beatriz. Casamento no Brasil: do século XVI ao XIX. O Olhar da historiografia. Extraído do site www.angelfire.com/planet/anpuhes/beatriz4.htm, disponível em 30 de agosto de 2013.

O MINISTÉRIO DIACONAL. Extraído do site www.gaudiumpress.org/content/12250-Artigo--O-diácono-na-Igreja-Católica, disponível em 10/02/2015.

OBRAS DE REFERÊNCIA

DICIONÁRIO DE DIREITO CANÔNICO. Loyola, São Paulo, 1993.

MICHAELIS: Moderno dicionário da língua portuguesa\ São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

ANEXOS

Relação de diáconos da diocese Uberlândia.

01. Diác. Adair Borges Ferreira

Nascimento: 20/12/1954 – Ordenação: 25/04/2010

Paróquia Cristo Rei – Uberlândia (MG)

02. Diác. Ademir Donizeth de Menezes

Nascimento: 08/11 – Ordenação: 04/02

03. Diác. Adhemar Faria

Nascimento: 01/06 – Ordenação: 18/12

Paróquia São José Operário – Araguari (MG)

04. Diác. Amarildo dos Santos

Nascimento: 31/05 – Ordenação: 04/02

Paróquia São Pedro – Uberlândia (MG)

05. Diác. Antonio Daud

Nascimento: 10/07/1951 – Ordenação: 25/04/2010

Catedral Santa Teresinha – Uberlândia (MG)

06. Diác. Antônio de Jesus Fernandes

Nascimento: 24/12 – Ordenação: 18/03

Paróquia São Judas Tadeu – Araguari (MG)

07. Diác. Antônio Eustáquio Marciano

Nascimento: 14/03/1955 – Ordenação: 25/04/2010

Capelania Nossa Senhora do Rosário e São Benedito

08. Diác. Antonio Sebastião Faleiros

Nascimento: 31/10 – Ordenação: 04/02

Paróquia São Francisco e Santa Clara – Uberlândia (MG)

09. Diác. Arlindo José dos Santos

Nascimento: 21/11 – Ordenação: 04/02

Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Uberlândia (MG)

10. Diác. Egmar Rodrigues

Nascimento: 27/11 – Ordenação: 18/12

Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Araguari (MG)

11. Diác. Eurípedes Lobato

Nascimento: 13/12 – Ordenação: 21/11

Paróquia Nossa Senhora da Abadia – Custódio – Uberlândia (MG)

12. Diác. Everaldo Ribeiro Franco

Nascimento: 27/02 – Ordenação: 25/09

Catedral Santa Teresinha – Uberlândia (MG)

13. Diác. Fernando Antonio Leite de Oliveira

Nascimento: 28/07 – Ordenação: 21/11

- 14. Diác. Fernando Egberto Feital de Camargo**
Nascimento: 21/09 – Ordenação: 25/09
Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Uberlândia (MG)
- 15. Diác. Geraldo Lima Coelho**
Nascimento: 10/05 – Ordenação: 04/02
Paróquia Divino Espírito Santo – Uberlândia (MG)
- 16. Diác. Geraldo Magela**
Nascimento: 18/04 – Ordenação: 21/11
- 17. Diác. Jacques Roberto Peres**
Nascimento: 28/08 – Ordenação: 04/02
Paróquia Santa Mônica – Uberlândia (MG)
- 18. Diác. Jerônimo Gomes Ferreira**
Nascimento: 06/05 – Ordenação: 04/02
Paróquia Nossa Senhora das Dores – Uberlândia (MG)
- 19. Diác. João Batista Machado**
Nascimento: 04/10 – Ordenação: 21/11
Paróquia Nossa Senhora do Carmo – Uberlândia (MG)
- 20. Diác. João Izaías Borges**
Nascimento: 30/06 – Ordenação: 18/02
Paróquia São José – Uberlândia (MG)
- 21. Diác. José Alves de Sousa**
Nascimento: 04/08/1944 – Ordenação: 25/04/2010
- 22. Diác. José Eustáquio Santos**
Nascimento: 03/03 – Ordenação: 21/11
- 23. Diác. José Wilson Moreira**
Nascimento: 18/12 – Ordenação: 04/02
Paróquia Santa Mônica – Uberlândia (MG)
- 24. Diác. Lucindo Picinato**
Nascimento: 08/04/2010 – Ordenação: 25/04/2010
Santuário Nossa Senhora Aparecida – Uberlândia (MG)
- 25. Diác. Luiz Antonio da Silva**
Nascimento: 31/08 – Ordenação: 18/12
Paróquia Nossa Senhora da Penha – Araguari (MG)
- 26. Diác. Luiz Donizete Hortêncio**
Nascimento: 21/07 – Ordenação: 04/02
Santuário Nossa Senhora Aparecida – Uberlândia (MG)
- 27. Diác. Luiz Mauro Ferreira**
Nascimento: 25/08 – Ordenação: 21/11
Paróquia Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa – Uberlândia (MG)
- 28. Diác. Mário Lúcio Pereira**
Nascimento: 28/09 – Ordenação: 04/02
Paróquia São Gaspar Bertoni – Uberlândia (MG)

29. Diác. Milvane Muniz de Almeida

Nascimento: 14/03/1961 – Ordenação: 25/04/2010

Paróquia Cristo Redentor – Uberlândia

30. Diác. Miron de Oliveira Graton

Nascimento: 30/03 – Ordenação: 21/11

Santuário Nossa Senhora Aparecida – Uberlândia (MG)

31. Diác. Newton Mendes dos Santos

Nascimento: 03/03 – Ordenação: 04/02

Paróquia Bom Jesus – Uberlândia (MG)

32. Diác. Osmar dos Reis Peres

Nascimento: 30/05 – Ordenação: 04/02

Paróquia São Benedito – Uberlândia (MG)

33. Diác. Pedro Matias

Nascimento: 30/05 – Ordenação: 04/02

Paróquia Bom Jesus – Uberlândia (MG)

34. Diác. Renê Barcellos Bittar

Nascimento: 16/06 – Ordenação: 04/02

Paróquia Nossa Senhora da Abadia (Patrimônio) – Uberlândia (MG)

35. Diác. Rogério Humberto de Freitas

Nascimento: 16/10/1951 – Ordenação: 25/04/2010

Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Uberlândia (MG)

36. Diác. Romeu Firmino da Costa Junior

Nascimento: 15/07 – Ordenação: 21/11

Paróquia Santana – Indianópolis (MG)

37. Diác. Rosendir Guimarães de Souza

Nascimento: 23/02 – Ordenação: 04/02

Paróquia São Judas Tadeu – Uberlândia (MG)

38. Diác. Rui Omar Xavier

Nascimento: 17/02 – Ordenação: 18/03

Paróquia do Senhor Bom Jesus da Cana Verde – Araguari (MG)

39. Diác. Samuel Vital Ferreira

Nascimento: 06/11 – Ordenação: 25/09

Câmara de Instrução Processual/Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Uberaba

40. Diác. Ubirajara Chagas Maldonado

Nascimento: 29/09 – Ordenação: 25/09

Paróquia São Cristóvão – Uberlândia (MG)

41. Diác. Valtercides Ferreira Rodrigues

Nascimento: 21/03/2010 – Ordenação: 25/04/2010

Paróquia Santo Antonio – Uberlândia (MG)⁶³

⁶³ DIOCESE DE Uberlândia. Extraído do site www.elodafe.com.br/clero/diaconos, disponível em 10/06/2015.

Relato do diácono Policarpo Rodrigues Filho sobre o começo do diaconato em Uberlândia.

ANOTAÇÕES DA HISTÓRIA DO DIACONATO PERMANENTE NA DIOCESE DE UBERLÂNDIA/MG

Quando em 1985, final de fevereiro, cheguei à Uberlândia, transferido de Teresina/PI, onde fui ordenado por Dom José Freire Falcão, hoje Cardeal e Arcebispo emérito de Brasília, aos 08.11.1981, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Trabalhava, então, na CIBRAZEM, empresa vinculada ao Ministério da Agricultura. Levava comigo uma carta de apresentação de Dom Miguel Fenelon Câmara e uma expectativa de aceitação não tão esperançosa. Dizia-se que o bispo já era idoso e poderia não me receber.

Era um fim de tarde qualquer quando me dirigi à Cúria Diocesana para me apresentar e entregar a Dom Estêvão Cardoso de Avellar e minha carta/pedido. A Cúria funcionava onde hoje está a Rádio América. Maria da Cruz, então secretária, me recebeu e disse: “Olha, já está tarde e talvez o bispo não o receba mais hoje”.

Parecia ir se confirmando a expectativa. Insisti e disse que trazia uma carta do Arcebispo de Teresina. Ela pediu para que eu aguardasse um pouco. Entrou e, logo depois, retornou dizendo que eu entrasse, pois Dom Estêvão iria me receber.

Fui acolhido com muita gentileza. Entreguei a carta, aguardei a leitura e ouvi dele esta enfática afirmação: “Mas que bom eu receber na minha diocese um diácono já pronto!”. O coração do Pastor e do diácono entraram em eclesial empatia. Conversamos um pouco mais e ele me perguntou onde eu estava residindo, ao que respondi estar no Bairro Brasil, Trav. João Paulo I, entre Amazonas e José Inácio de Souza. Ele disse: você reside na Paróquia Bom Jesus. Vou avisar ao pároco, Pe. Jeremias, e o senhor se apresenta a ele.

No domingo seguinte, fomos à missa e, terminada a celebração, dirigi-me à sacristia para esse primeiro contato. Confesso que não tive a acolhida esperada, mas uma frase seca e desalentadora: “Na sala ao lado está

havendo uma reunião dos ministros, o senhor pode entrar e participar”. Nada mais me foi dito e nenhuma palavra de boas vindas ou coisa semelhante. O coração impactou-se.

Logo na segunda feira fui à Catedral de Santa Teresinha e procurei Dom Estêvão para nova conversa. Novamente me recebeu como pai. Escutou-me e disse: “Não tem problema, fique aqui na Catedral comigo e o Pe. Genésio, o cura”. Fiquei de 1985 a 1993. Ali privei não só da convivência com o bispo, mas com Pe. Genésio, Mons. Antônio Afonso, Frei Guido Iaccarino e Pe. Marcelo Augello. Era provisionado como diácono na Catedral.

Em minhas muitas conversas com Dom Estêvão sempre procurei falar a respeito da vocação diaconal e da esperança de ver esse ministério crescer no seio da Igreja no Brasil. Percebia nele um homem de Igreja e com um senso de abertura muito grande. Viajamos juntos algumas vezes (Januária, Curitiba, Sorocaba, Brasília). Essa convivência gerou uma amizade respeitosa e aberta.

Indo a Brodosqui/SP em 1987 para uma Assembléia da Comissão Nacional de Diáconos, ao retornar para Uberlândia quis trazer para D. Estêvão o livro “Teologia do Diaconato”, do Pe. Valter Maurício Goedart. Ao entregar o presente, disse-me D. Estêvão: “Lá vem você com o seu veneno!”.

Posso afirmar que esse veneno foi sendo injetado, paulatinamente, em muitos outros momentos de conversas.

Em 1990 (ou 1989?), retornando de Itaici/SP, onde participara da Assembléia dos Bispos, D. Estêvão me chamou para dizer: “Apesar de ainda ter algumas restrições, voltei decidido a iniciar a preparação de uma primeira turma de candidatos ao diaconato permanente. Vá pensando nisso e organize as coisas. Pe. Marcello pode lhe ajudar. Sua atuação aqui me convenceu.”

O que eu acabara de ouvir me encheu o coração de uma santa e profunda alegria, não apenas pelo elogio recebido, mas por enxergar o futuro da diaconia na Diocese.

Preparamos a escolha dos primeiros candidatos e esboçamos o caminho da Escola Diaconal Santo Estêvão (lembrando o protomártir diácono e o

Bispo). Em 1990 vieram: Everaldo, Alberto de Paula, Alberto Magno, Samuel Vital, Fernando Egberto, Antônio Camilo, Ubirajara, Paulo Andrade e um ou dois outros que me escapam os nomes. A “AULA INAUGURAL” aconteceu no dia 19 de setembro de 1990, às 19:00 horas, na Trav. Cristo Rei, 37 com Dom Frei Estevão Cardoso de Avelar e Dom José Alberto Moura. Foi um passo histórico em nossa caminhada como igreja.

Coincidiu esse início com a chegada de Dom José Alberto Moura, como bispo coadjutor, em julho/1990. Logo na sua primeira visita a Uberlândia, antes da ordenação episcopal, houve um encontro do clero com ele na chácara do casal Juarez/Fátima. Surgiu um momento de conversa a dois e eu disparei “meu veneno”. Indaguei dele o seu pensamento sobre o diaconato e como via essa possibilidade na sua nova diocese. Ele disse; “Vejo positivamente, mas vamos pensar mais.”

Talvez essa pergunta a D. José fosse fruto de uma certeza, qual seja, D. Estêvão iria confiar o governo diocesano a ele o mais rapidamente possível. Assim me afirmara quando fomos à Nunciatura para pedir que apressassem a nomeação do novo bispo. Podemos constatar, hoje, que não mentiu, pois D. José assumiu aos 22.07.1990, numa fria noite, e logo foi, pouco a pouco, assumindo o que lhe caberia pastorear por longos anos.

Os dois bispos, numa demonstração de vontade e de interesse responsável, assumiram aulas na Escola Diaconal, que tinha aulas semanais no Centro de Pastoral da Catedral (velha sede da Trav. Cristo Rei). D. Estêvão lecionava Teologia Sistemática e Dom José Teologia Moral. Mas em 1991, recordo D. Estêvão fazer circunstanciado estudo da Encíclica “Centesimus Annus”, do Papa João Paulo II, que celebrava os centenário da “Rerum Novarum, de Leão XIII (1891).

Dom José Alberto (não lembro a data exata), creio que no primeiro semestre Maio de 1992, instituiu os candidatos nos ministérios de leitor e acólito, em celebração na Catedral de Santa Teresinha. D. Estêvão os ordenou como diáconos da Igreja aos 25.09.1992: Diáconos Samuel, Everaldo, Alberto, Fernando Egberto, Antônio Camilo, Ubirajara.

Foi uma alegria muito grande para mim por ver que o “meu veneno” tinha surtido o efeito sonhado e querido. Seis novos irmãos, que me tiravam da condição de “filho único” depois de sete anos na Diocese. Com as provisões

dadas, ficamos eu e Everaldo na Catedral, Alberto na Paróquia Nossa Senhora das Dores, Samuel na Bom Jesus, Camilo em Nossa Senhora de Fátima de Araguari, Fernando Egberto na Nossa Senhora de Fátima de Uberlândia e Ubirajara em São Crsitóvão.

Estes começavam seu ministério imbuídos e embalados pela vocação, é claro, mas também por motivação bíblica:

- SAMUEL: “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir!” (Jr 20, 7);
- ANTÔNIO CAMILO: “O que retribuirei ao Senhor, por tudo o que Ele me fez?” (Sl 115);
- EVERALDO: “Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!” (Lc 22, 27);
- ALBERTO: “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir!” (Jr 20, 7);

Lamentamos que o Alberto Magno pedisse um tempo para receber a ordenação. Depois ele foi transferido para Brasília e ali foi ordenado, depois de uma visita que fizemos ao Cardeal Falcão (D. Estêvão, D. José e eu), recomendando a pessoa de Alberto Magno.

Em maio de 1992, indo com Dom Estêvão a Curitiba/PR para o encontro das Escolas Diaconais, sendo presidente da Comissão Nacional de Diáconos o Diác. Franco Chippari, de Santo André/SP, e Presidente da CNBB Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, ali fui escolhido para compor a Diretoria da CND em razão das mortes de dois membros em um grave acidente automobilístico. Nessa função/serviço permaneci por dois anos.

Na Diocese, Dom Estêvão e Dom José confiavam aos diáconos tarefas nas quais se exercia a diaconia de maneira plena: animação de grupos, pastorais, comunidades, a Câmara Auxiliar do Tribunal Eclesiástico, o economato diocesano, a Fundação N. Sra. da Abadia etc.

Os anos passavam e tendo o Diác. Everaldo chegado à Catedral, sua paróquia, achei que poderia alçar vôo para uma outra. Logo pensei, já estou na Catedral há oito anos, poderia ter uma outra experiência paroquial na cidade. Pedi a D. José que examinasse essa possibilidade. Em 1993 ele me provisionou para a Paróquia São Pedro, no Saraiva, onde permaneci por longos nove anos, sendo seis com Pe. Lucas e três com Pe. João

Evangelista. Em 2002 fui para São Gaspar Bertoni e em 2003 para São João Batista, quando me transferi para meu Estado natal, o Ceará.

Ordenados os primeiros diáconos na Diocese, emergia a indagação: quando se formará nova turma. Dom José, que já assumira a Diocese em julho 1992, dizia que era prudente esperar algum tempo. Quanto tempo? É fato que esse tempo foi breve, pois logo (acho que 1994) ele abria as portas da Escola Diaconal Santo Estevão para uma nova turma, a segunda, com um número expressivo de candidatos, inclusive de Araguari e Tupaciguara. Egmar, Luisinho, Adhemar, Thiago, Miron, Fernando Leite, João Isaías, Geraldo Magela, João Batista, Eurípedes, Jair, Luiz Mauro, Romeu e José Eustáquio (hoje em Goiás), (Aldo, Carlos Alberto, Domingos Sávio, José Francisco, José Sávio, João Camilo, Paulo Cristiano). AULA INAUGURAL DA 2ª Turma dia 11 de março de 1994 às 19:00 horas na Trav. Cristo Rei, com Dom José Alberto Moura.

O número cresceu razoavelmente e começamos a pensar numa Comissão Diocesana de Diáconos, que nos congregasse e cuidasse de nossa formação permanente. Assim é que, em um retiro do clero na Cidade de Maria, em Barretos/SP, fizemos surgir uma primeira diretoria, cabendo ao Diác. Miron O. Graton a presidência.

Ordenada em 21 de novembro de 1997 e provisionada a segunda turma, novamente se impôs a pergunta: é bastante o número de diáconos? Como está a caminhada até aqui? Seria oportuna uma terceira turma? Creio que o Bispo e o Conselho Presbiteral pensaram bastante e decidiram por uma terceira turma. Mas quando iniciá-la? Demos os primeiros passos logo no ano 2000, mas a turma iniciou sua formação em 2001. Essa turma tinha suas aulas na sede do Cursilho de Cristandade, na Paróquia N. Sra. Aparecida. Era bem numerosa e foi sendo discernida ao longo da formação.

É oportuno notar que a formação sempre nos preocupou bastante. Além de seguirmos as orientações da CNBB/CND, nunca descuramos o candidato como indivíduo e como esposo e pai. Tanto foi assim que fazíamos encontros frequentes com esposas, filhos, família, além dos retiros anuais.

Acompanhei a formação da terceira turma por dois anos, aproximadamente, quando entreguei a coordenação da EDSE ao Diác. Miron, em 2003, ano em que retornei para o Ceará.

Nessa trajetória histórica não podemos esquecer perdas como de nosso querido irmão Diác. Antônio Camilo (1994) e, mais recentemente, do Diác. Tiago, de Tupaciguara.

Além do Diác. Alberto Magno, da Arquidiocese de Brasília, temos o Carlos Alberto Silva, candidato que transferiu-se para o Estado de Goiás e lá foi ordenado na Diocese de São Luís de Montes Belos, onde também incardinou-se o Diác. José Eustáquio dos Santos algum tempo depois.

Dom José Alberto Moura, antes de sua transferência como Arcebispo de Montes Claros/MG (2006), ordenou mais uma turma, ficando alguns poucos à espera. Chegando Dom Paulo Francisco Machado (2008), ordenou os que remanesciam dessa mesma turma. Hoje a Diocese de Uberlândia conta com 41 diáconos permanentes, espalhados nas paróquias de Uberlândia, Araguari, Indianópolis.